

Diálogos do CoGEMFRI

com a proposta do Programa Melhoria da Educação

Tecnologia Educacional: experiências formativas em cultura escrita com crianças de 4 a 6 anos – TEEFCE





Diálogos do CoGEMFRI

com a proposta do Programa Melhoria da Educação¹

Tecnologia Educacional: experiências formativas em cultura escrita com crianças de 4 a 6 anos – TEEFCE²

Realização: Itaú Social

Patricia Mota Guedes – Superintendente
Claudia Sintoni – Gerente de Implementação
Juliana de Souza Mavoungou Yade – Coordenadora de Educação Infantil
Lucas Gabriel Moreira da Cruz – Analista de Programas Sociais
Renata Souza Nobre – Analista de Programas Sociais
Sonia Dias – Gerente de Desenvolvimento e Soluções

Parceiro implementador: CoGEMFRI

Gilmara da Silva – Assessora de Educação da AMFRI
Secretarias Municipais de Educação – Equipes de Educação Infantil e Anos Iniciais:

- Balneário Camboriú
- Balneário Piçarras
- Bombinhas
- Camboriú
- Ilhota
- Luiz Alves
- Penha

¹ Material adaptado em parceria com os municípios participantes do programa.

² No caso deste projeto específico, o território solicitou a inclusão dos estudantes de 7 anos.

Execução técnica: Instituto Avisa Lá

Silvia Carvalho – Coordenadora Executiva
Cisele Ortiz – Coordenadora Adjunta
Edi Fonseca – Coordenadora Técnica do Programa
Ana Carolina Carvalho – Formadora
Erica de Faria – Formadora
Liliane Garcez – Assessora de Inclusão
Ricardo Lima - Suporte Técnico
Juliana Macedo – Apoio Administrativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C676d Cogemfri (Brasil).
Diálogos do CoGEMFRI com a proposta do Programa Melhoria da Educação [livro eletrônico] : tecnologia educacional, experiências formativas em cultura escrita com crianças de 4 a 6 anos – TEEFCE/ Cogemfri (Brasil). – São Paulo, SP: Instituto Avisa Lá, 2025.
132 p. : il. ; color.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

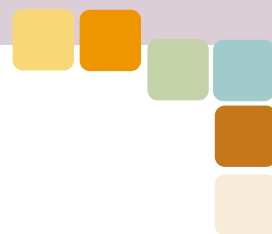
Bibliografia: p. 118-123

ISBN 978-65-5278-352-3

1. Formação de professores. 2. Educação infantil. 3.
Alfabetização. I. Título.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Agradecimento especial à Gilmara da Silva e às/aos Secretárias(os) de Educação dos Municípios, pela parceria.

Para todas as equipes técnicas das secretarias, diretoras e coordenadoras pedagógicas, professoras e crianças que estiveram conosco durante a jornada.



Novembro de 2024

Sumário

07 Introdução

09 Apresentação do Programa Melhoria da Educação

15 Experiências formativas

- 15** Objetivos
- 16** Componentes e materiais de apoio
- 21** Pautas formativas
- 30** Trilhas de monitoramento
- 33** Plano de formação das
Coordenadoras/Diretoras
- 34** Plano de formação para as professoras
- 35** O Ambiente Virtual de Aprendizagem
Colaborativa (AVAC)

Sumário

37 Conceções de aprendizagem e de linguagem

- 37** O foco nas experiências com a cultura escrita
- 40** A Educação Infantil e a BNCC
- 45** A BNCC e o Ensino Fundamental
- 48** Aprendizagem por resolução de problemas nas interações
- 49** A escrita como representação da linguagem

68 Formação continuada: reflexão-ação-reflexão-ação

- 89** A ampliação do universo cultural e a valorização da diversidade

Sumário

92 Apropriação da tecnologia pelo município

98 A chegada na rede

104 Implementação do Programa

117 Referências bibliográficas

117 TEEFCE

121 Materiais do MEC

123 Anexos

Introdução

O documento³ a seguir é uma sistematização da formação vivenciada pelas profissionais de Educação Infantil dos municípios do CoGEMFRI⁴, que participaram do Programa Melhoria da Educação de 2021 a 2024, promovido pelo Itaú Social; e que, a partir de um diagnóstico das necessidades formativas do território, optaram pela implementação do programa com a tecnologia educativa – TE: Experiências formativas em cultura escrita com crianças de 4 a 6 anos, criada pelo instituto Avisa Lá, em parceria com o Itaú Social. Este documento propõe um diálogo entre o guia de implementação da TEEFCE, elaborado em 2019 e 2020, e as reflexões dos participantes sobre os impactos da formação continuada híbrida, finalizada em 2024.

O objetivo é revelar as mudanças conceituais, as aprendizagens e apresentar conteúdos que se fizeram necessários, a partir da experiência formativa vivida.

³ Documento destinado a professoras que atuam com crianças e estudantes de 4 a 6 anos; Coordenadoras pedagógicas/diretoras de escolas de EI e EF; Equipes técnicas; Secretários(as) de Educação.

⁴ CoGEMFRI – Colegiado de Gestão em Educação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí. Para saber mais consulte: <https://amfri.org.br/cogemfri/pagina-19451/>.

Para melhor compreensão durante a leitura do documento:

- O que está **em azul** – como toda esta introdução – são textos, trechos produzidos e revisados pelas equipes técnicas, gestoras escolares e também a equipe do Avisa Lá.

- Nos **boxes como este** encontram-se depoimentos e relatos de práticas de profissionais das redes municipais de educação, participantes do programa.

Devido à grande presença de mulheres atuando na Educação Infantil, optamos por utilizar os termos sempre no feminino no documento produzido (“professoras”, “coordenadoras pedagógicas”, “gestoras”, “técnicas”). Esperamos que os homens envolvidos no programa compreendam, sintam-se incluídos e possam estimular outros homens a atuarem com as crianças pequenas.

Desejamos que o material produzido sirva como norteador para a implementação da TE em diferentes municípios e suas redes educativas, ou mesmo em escolas e suas equipes gestoras.

Apresentação do Programa Melhoria da Educação

Com o objetivo de contribuir com o trabalho das redes públicas de Educação, o Itaú Social, por meio do apoio técnico de diferentes parceiros, instituiu o **Programa Melhoria da Educação**, visando ao fortalecimento das secretarias municipais, para uma incidência na qualidade da oferta, por meio da equidade do acesso, da permanência e do aprendizado de crianças e jovens. Este programa proporciona formação continuada para as gestoras educacionais e equipes técnicas, em diferentes áreas e contextos. As formações abordam tanto o eixo da gestão pedagógica, quanto o da gestão da formação. Dessa forma, as profissionais se preparam de maneira ampla para o desempenho de suas funções. Os princípios do programa são:



aliar teoria e prática;



partir “da” e valorizar a experiência do território;



ressaltar o protagonismo das equipes das Secretarias de Educação na realização dos trabalhos;



promover colaboração e troca de experiências inter e intra territórios;



articular parcerias, valorizando diferentes conhecimentos;



promover a redução das desigualdades nas aprendizagens.

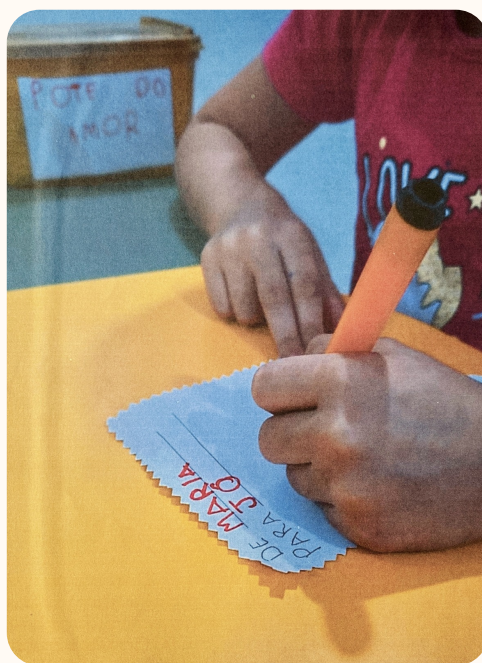
Experiências formativas em cultura escrita com crianças de 4 a 6 anos

é uma das tecnologias de Educação ofertadas pelo Programa, podendo ser desenvolvida nos horários coletivos de trabalho.

Esta tecnologia foi desenvolvida também com a valiosa parceria com o Itaú Social e o município de Suzano-SP, por meio da sua rede de escolas de educação infantil e de ensino fundamental, suas professoras, coordenadoras pedagógicas, diretoras e equipes técnicas. As ações de formação foram testadas e revistas, a partir das contribuições de todos os envolvidos. As atividades filmadas com as crianças ocorreram durante os dois semestres de

2019. Elas, com suas competências, capacidades e jeitos singulares de construir conhecimentos, foram parceiras fundamentais, para dar vida às práticas de leitura e escrita e iluminar as teorias que embasam a proposta.

No segundo semestre de 2021, a mesma tecnologia foi oferecida para o território do CoGEMFRI, partindo de um planejamento estratégico, para delimitar as principais necessidades formativas das redes e o desenvolvimento de três módulos de trabalho, com o término previsto para junho/24.



Núcleo de Educação Infantil Pão e Mel – Balneário Camboriú

A tecnologia educacional visa contribuir com três desafios que as redes, em geral, enfrentam:



compatibilização das indicações da Base Nacional Comum Curricular – BNCC para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental em relação à temática da alfabetização — a alfabetização foi eleita como a prioridade máxima do território pela Iniciativa, seja por conta da série histórica do rendimento escolar, seja por conta do cenário que a pandemia provocou no cotidiano da educação, motivo este que alterou a faixa etária de crianças atendidas pelo programa, que passou de 4 a 6 para 4 a 7 anos;



desenvolvimento de uma formação continuada, que realmente trouxesse mudanças nas práticas que integram a oralidade, a leitura, a escrita e o brincar respeitando o jeito como pensam as crianças de 4 a 6 anos — o território considerou a necessidade de auxílio externo para estruturar e desenvolver processos formativos continuados e sustentáveis para o ciclo de alfabetização, bem como processos de acompanhamento e monitoramento das aprendizagens das crianças de 4 a 7 anos, além de promover ações pedagógicas e de gestão que qualificassem as transições entre etapas e níveis de escolarização;



inclusão de todas as crianças matriculadas nas redes no processo de alfabetização — **também é preciso enfatizar o interesse dos municípios envolvidos na reflexão e revisão das diretrizes municipais da educação especial, garantindo condições para que todas as crianças avançassem em seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita.**

Em muitos municípios brasileiros, as atividades ligadas à leitura e à escrita podem conflitar com as orientações da BNCC, uma vez que seguem propostas tradicionais de alfabetização, inadequadas para as crianças de 4 e 5 anos, e até mesmo para as de 6 anos.

Ao mesmo tempo, é sabido que, ao final do primeiro ano, muitas crianças não avançaram de forma significativa em seus processos de alfabetização, que vai impactando a escolaridade, tendo como resultado o fato de que mais da metade das crianças brasileiras que frequentam as redes públicas não estão alfabetizadas aos 8 anos. **A questão torna-se ainda mais complexa quando se focaliza a análise para as crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento/transtorno do espectro autista ou altas habilidades/superdotação — público da Educação Especial.**

Isto se deve, em grande parte, a um contato insuficiente e até mesmo ausente com as práticas de leitura, escrita e comunicação oral desenvolvidas nas pré-escolas e anos iniciais das escolas de Ensino Fundamental. Qual a solução para esse dilema?

Do ponto de vista desta tecnologia, será envolver as crianças, *sem exceção*, em contextos letrados socialmente significativos, considerando-as sujeitos capazes de refletir, de se expressar oralmente e em outras possibilidades de comunicação, de ler e escrever — ainda que não convencionalmente — a partir de seus recursos, desenvolvendo suas hipóteses, instigadas pelas professoras.



Experiências formativas

em cultura escrita, com crianças de 4 a 6 anos



Objetivos

A tecnologia **Experiências formativas em cultura escrita, com crianças de 4 a 6 anos** é um programa integrado de formação, cujos objetivos são, por um lado, possibilitar práticas contextualizadas de leitura e escrita e, por outro, qualificar os momentos de formação coletiva nas escolas para que estas se tornem um instrumento válido de transformação das práticas. Para tanto, como já foi mencionado, várias pessoas devem ser envolvidas: as gestoras municipais, a equipe técnica da Secretaria de Educação, as coordenadoras pedagógicas/diretoras e as professoras, de modo a garantir ações integradas, em níveis diferentes de gestão da aprendizagem: das redes, das escolas e das salas dos grupos de crianças.

Componentes e materiais de apoio

O programa está estruturado em módulos temáticos. E os municípios têm a possibilidade de escolher por qual módulo desejam iniciar o percurso formativo, ou ainda mesclá-los:



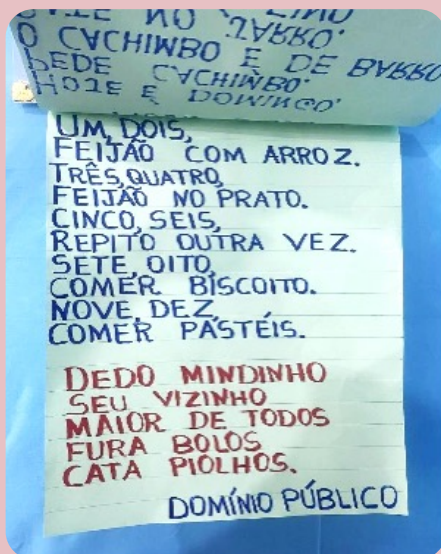
Módulo
Identidades e
nomes próprios



Módulo
Apropriações
literárias



Módulo
Brincar, ler e
escrever



Cartaz com letra da brincadeira cantada tradicional – EBM Manoel Eduardo Mafra – Bombinhas



O trabalho com identidades e nomes próprios – Camboriú

Os conteúdos trabalhados em cada módulo envolvem conhecimentos teóricos imbricados em práticas pedagógicas e sociais sobre leitura e escrita, aliados às brincadeiras da cultura brasileira, música, movimento e desenho. Em relação à formação continuada, são desenvolvidas estratégias formativas, que tomam o trabalho com as crianças como foco central.

Cada módulo é composto por um kit formativo contendo: um vídeo de situações de práticas com crianças em espaços reais de pré-escola e do primeiro ano do Ensino Fundamental; uma videodica, focando nos materiais de apoio usados nas atividades e na organização dos espaços para a

realização das propostas; e pautas formativas (professora e coordenadora pedagógica e/ou diretora); além de uma trilha de monitoramento.

É relevante ressaltar que, além de estar diretamente associada ao Plano Estratégico da região, a TEEFCE pode considerar as diferenças entre os municípios na condução e nas práticas de formação, para ajudá-los a criar uma cultura de formação continuada, regional e sustentável.

No contexto de formação, além dos encontros presenciais e síncronos, foram desenvolvidas outras ações, de acordo com as necessidades identificadas pelo território do CoGEMFRI.

No primeiro ano do programa, em 2022, foram realizados dois seminários AlfaCoGEMFRI, que aconteceram à distância, incluindo a realização de lives⁵ com especialistas em conteúdos, que pudessem contribuir com o desenvolvimento profissional. Esses dois eventos contaram com a participação de docentes, coordenação pedagógica, direção e equipes técnicas.

De acordo com as discussões realizadas nos encontros de formação de 2022, as equipes dos municípios participantes puderam revelar que não possuíam um instrumento para acompanhar o desenvolvimento das

⁵ Títulos e links das lives em anexo.

crianças e dos estudantes, em relação ao processo de aquisição da escrita. A equipe do Avisa Lá apresentou uma proposta de sondagem de escrita, com orientações detalhadas — tanto para a sua realização, quanto para o momento de tabulação de dados. Vale salientar que a sondagem tem por objetivo olhar para os saberes das crianças e observar suas descobertas ao longo do ano. Afinal, todas as profissionais envolvidas nesse processo (técnicas da secretaria, coordenadoras pedagógicas e professoras) precisam ter noção desses dados, para atuarem melhor, de acordo com suas funções, acompanhando as conquistas das crianças e apoiando coordenadoras e professoras quando necessário.

Também foram disponibilizados, no **Ambiente Virtual de Aprendizagem Colaborativa (AVAC)**, materiais complementares, como textos teóricos e referências bibliográficas. Preocupadas com as crianças que terminaram o segundo ano sem ainda estarem alfabetizadas, as equipes técnicas pediram apoio à equipe do IAL.



Núcleo de Educação Infantil São Judas Tadeu – Balneário Camboriú

Para isso, foi realizado um encontro presencial de sete horas, para abordagem de possíveis práticas a serem realizadas nas escolas e a disponibilização de mini sequências didáticas, com boas propostas de leitura e escrita para o trabalho com esse grupo específico de estudantes.

Desde o início do programa, a equipe do Avisa Lá (formadoras e coordenação) contou com a assessoria de uma especialista em inclusão. Em 2023, a assessoria passou, também, a ser diretamente para as equipes técnicas e gestoras escolares das escolas, possibilitando que todas as profissionais pudessem refletir sobre encaminhamentos, tendo como propósito não deixar nenhuma criança de fora das propostas pedagógicas abordadas. Nesse mesmo ano, foram desenvolvidas duas edições do curso online para docentes, abordando o tema: Leitura pela professora – contos tradicionais, aprofundando discussões de conteúdos referentes ao módulo 2 – Apropriações Literárias.

No terceiro ano, 2024, foi produzida uma série intitulada *Conversas com quem faz*⁶, composta por dezoito mini vídeos, abordando seis temas eleitos para apresentar conteúdos específicos, que mereciam maior aprofundamento, para serem socializados com as professoras. Essas foram adaptações que a formação híbrida com os municípios do CoGEMFRI demandou.

⁶ Títulos e links dos mini vídeos em anexo.

Pautas formativas

As pautas trazem princípios, concepções e práticas pedagógicas que precisam estar presentes na formação, a fim de que as profissionais experimentem com seus grupos novas atividades. Mas há espaço para customização pelas equipes educacionais e escolares, considerando a realidade de suas redes e escolas. Elas foram elaboradas para serem desenvolvidas nas unidades escolares, no tempo usualmente previsto para os horários de trabalho coletivo – 1 hora e meia –, sendo compostas por propostas que envolvem:



Notícias da prática: o momento de compartilhar as notícias da prática foi introduzido como atividade inicial da pauta formativa para o fortalecimento do território.

Ao compartilhar com seus pares o que cada rede vinha fazendo dentro da TEEFCE, foi oportunizada a troca de saberes. Para isso, várias etapas foram necessárias e negociadas pela equipe técnica de cada município, a saber:



Qual prática compartilhar?



Que critério usar para selecionar?



Há materiais disponíveis e adequados para comunicar: fotos, relatos, depoimentos, observações registradas, pequenos vídeos, produções das crianças?



Como sintetizar o que se queria transmitir, a essência da prática apresentada?

Além de possibilitar o intercâmbio, essa estratégia favoreceu o preparo da equipe técnica, para tematizar práticas e participar de propostas semelhantes, como: apresentação de um banner em um congresso ou a experimentação de situações de comunicação oral, como uma espécie de ensaio para os seminários do final do ano.

As notícias da prática também serviram para a equipe do IAL, no acompanhamento do desenvolvimento das ações do programa ao longo do ano, avaliação da participação dos municípios, na busca e definição de quais os melhores encaminhamentos para apoiá-los em suas necessidades.

Foi uma estratégia que passou a ser incorporada nas pautas das equipes técnicas, nos encontros formativos com as gestoras escolares e em algumas escolas com as professoras. Recomendamos a sua continuidade.



Leitura inicial: os textos escolhidos para a leitura cumprem o papel de ampliação de repertório cultural das professoras, oferecendo também diversidade literária e, ao mesmo tempo, um modelo possível de comportamento leitor de textos literários, que se aproxima do que se quer proporcionar às crianças. Nesse momento, a formadora realiza a leitura em voz alta para os participantes e abre um espaço de intercâmbio para ouvir as impressões de todos. É importante observar que o texto deve sempre ser apresentado em sua fonte original quando possível, e disponibilizado de outras formas, como a digital, por exemplo, respeitando as leis de direitos autorais, favorecendo a [acessibilidade](#).



Proposição Problematizadora: a problematização é feita a partir de propostas práticas, que propiciem desafios, levando à confrontação dos saberes e explicitando as concepções que estão em jogo: das equipes técnicas/ gestoras/professoras e das dúvidas que se apresentam nos encaminhamentos pedagógicos, nas intervenções e no planejamento futuro. Dependendo da situação escolhida, pode-se formar subgrupos de discussão, o que costuma gerar maior envolvimento e escuta, seguidos de exposição sintética a todos e todas.



Estudo de Prática Pedagógica: momento da tematização de uma prática com as crianças, a partir do vídeo produzido especialmente para cada pauta. Essa tematização é sempre acompanhada de boas perguntas, para mobilizar as reflexões e teorizar os conteúdos abordados.

Para o trabalho de tematização, o programa disponibiliza de cinco a seis vídeos por módulo, além de uma videodica para cada um deles. O objetivo da videodica é qualificar o trabalho das professoras, ajudando-as a pensar sobre a forma de organizar materiais, ambientes e agrupamentos de crianças, respeitando critérios específicos.

A tematização da prática como instrumento de formação para o território

Tematizar a prática durante as formações do Programa Melhoria na Educação nos trouxe grandes aprendizados e aprimoramentos da prática docente. Com ela, pudemos dar sentido ao que desenvolvíamos com as crianças, havendo muitas reflexões sobre o que se faz, como se faz e para quem se faz.

Essa prática representa a organização da ação pedagógica e o desafio de repensar o planejamento. Com ela, as professoras estabeleceram conexões entre a prática e os objetivos de aprendizagem, mostrando novas possibilidades para as atividades propostas em sala de aula. Com isso, identificamos que, nas turmas que participaram dessa ação, em que as professoras realizaram as propostas com as crianças a partir das tematizações da prática, houve muitas aprendizagens e avanços, já que as atividades apresentadas e refletidas eram sempre encadeadas, contextualizadas e com sentido. E as professoras compreendiam muito bem os objetivos de cada ação e as condições didáticas necessárias.

A tematização da prática continua, e continuará, sendo utilizada como processo formativo das docentes em nossa unidade escolar, porque expor e refletir, a partir de uma experiência vivenciada em sala de aula, fortalece e amplia as ações realizadas na construção da aprendizagem, favorecendo a melhoria da Educação.

Chrislaine Roschel Nunes,
Orientadora Pedagógica CIEF – Balneário Piçarras



Sistematização dos conteúdos aprendidos: a

sistematização é uma elaboração do grupo, realizada mediante uma comanda explícita das formadoras da escola, coordenadoras e/ou diretoras, como um convite à reflexão sobre o que foi aprendido no encontro e as possíveis transposições disso para a prática profissional de cada um.



Avaliação do encontro: retomada dos objetivos iniciais, para que os participantes, a partir de um ponto de reflexão, avaliem a pertinência e o aproveitamento da formação. A proposta de avaliação precisa apresentar uma consigna por escrito, diretamente relacionada aos objetivos apresentados no início.



Proposta de continuidade: toda formação precisa gerar uma orientação de continuidade do trabalho da professora, dando a ela a chance de desenvolver, junto às crianças, os conhecimentos construídos. Isso pode ser realizado individualmente ou mesmo no momento coletivo.



Materiais e fontes: importante sempre listar todos os materiais e fazer referência às fontes originais, garantindo o direito das profissionais de recorrer ao material fonte, para checar sua compreensão, rever um conteúdo, dirimir dúvidas, aprofundar seus conhecimentos, etc.

Intencionalidade bem marcada no desenvolvimento das propostas

Ao encaminhar as propostas de continuidade, orientadas na formação continuada, conforme a pauta desenvolvida, as professoras, por vezes, demonstravam certa hesitação, principalmente em relação à pertinência dos conteúdos dentro do planejamento municipal, pois viam-nas, em alguns momentos, como algo desconexo ao trabalho que costumavam fazer. Também havia incerteza sobre como realizar as propostas com as crianças e estudantes, à medida que eles avançavam nas atividades: como encaminhar a atividade com a turma? Quais as melhores intervenções? Essas eram algumas dúvidas que costumavam aparecer.

Conforme as discussões sobre as pautas aconteciam, as professoras passaram a compreender melhor cada situação e quais objetivos atingir com as crianças e estudantes, guiando-se pelo próprio progresso das propostas e pela reflexão sobre suas práticas. Aos poucos, elas adquiriram confiança para dialogar sobre as propostas, como pontuou a coordenadora pedagógica da E. M. Arlindo Benvenuto Zimmermann: *“Oportunizamos às professoras uma valiosa troca de ideias e uma boa convivência nos momentos coletivos, levando a discussão sobre a prática para o grupo, por meio de propostas concretas, construindo com os participantes um jogo, realizando uma atividade de leitura, uma brincadeira cantada, vivenciando-a e possibilitando que as professoras pudessem compreender melhor cada proposta a ser realizada com as crianças”*.

Mesmo com as orientações e acompanhamento das coordenadoras, ainda surgiam dúvidas sobre a melhor forma de lidar com certas situações e como intervir com as crianças e estudantes, a fim de garantir suas aprendizagens. Contudo, o próprio encadeamento das propostas, típico da formação continuada, muitas vezes dava conta de sanar dúvidas e apoiar o

trabalho da professora, na medida em que as pautas desenvolvidas dialogavam umas com as outras.

As pautas formativas apresentadas pelo Programa Melhoria da Educação – TEEFCE contribuíram muito para a reflexão sobre a prática, tanto da professora, quanto da coordenadora, que puderam se apoiar com mais facilidade, tanto no desenvolvimento de cada atividade, por meio dos vídeos e das propostas realizadas nos encontros durante a formação, quanto no acompanhamento do trabalho desenvolvido nas escolas da rede, por meio da observação das práticas das professoras com as crianças.

Equipe Técnica de Luiz Alves

Trilhas de Monitoramento

Acompanha cada kit formativo uma trilha específica. As trilhas constituem-se em propostas de monitoramento, para que a coordenadora pedagógica e/ou diretora acompanhem o trabalho realizado com as crianças. A partir de cada pauta, perguntas e/ou pontos de observação foram elaborados, sobre aquilo que não pode faltar: organização de ambiente com materiais de apoio, disposição de tempo para a atividade, registros do trabalho, planejamento e intervenções da professora.

Por que elas são importantes para o trabalho da coordenadora pedagógica e/ou diretora? As trilhas ajudam estes profissionais a priorizar suas intervenções, detectar qual professora necessita de maior apoio e em quais aspectos de sua prática. Além disso, ao observar o conjunto de salas e de trabalhos desenvolvidos, a coordenadora pedagógica/diretora também poderá eleger conteúdos a serem trabalhados, a partir das necessidades de seu grupo.

Trilhas de monitoramento – apurando o olhar

À medida que as pautas dos encontros formativos avançavam, surgiram as trilhas de monitoramento. Inicialmente, isso causou algum estranhamento entre as coordenadoras. No entanto, conforme compreenderam o objetivo dessas trilhas, perceberam que seria uma ferramenta valiosa para o acompanhamento e observação das práticas das professoras, como relatou a coordenadora da E. M. Arlindo Benvenuto Zimmermann: “As trilhas de monitoramento fizeram com que eu, como coordenadora, conseguisse chegar com mais facilidade nas professoras”. Ou seja, tanto as professoras, quanto as coordenadoras começaram a ouvir mais.

Em nosso município, essas trilhas representaram um refinamento do olhar, especialmente considerando que o cargo de coordenadora é relativamente novo por aqui. Ao entender o quanto estas questões poderiam servir de suporte para melhorar o seu trabalho, as coordenadoras fizeram várias reflexões sobre esta função, que exige vários olhares diferentes no acompanhamento

das propostas, pois cada professora tem sua maneira de realizar as atividades, assim como cada turma tem seu desenvolvimento próprio. Embora existam singularidades, há um objetivo a ser atingido em relação às aprendizagens das crianças; e isso precisa ficar evidente em cada ação.

A introdução dessas trilhas serviu como um guia para entender como abordar o dia a dia em cada ambiente escolar, visto que as profissionais se colocaram como observadoras da prática e mediadoras para a professora, ajudando-a a pensar como a criança pode progredir nas situações de aprendizagem. À medida que isso foi se fortalecendo, houve a desconstrução do coordenador pedagógico como uma pessoa que apenas faz cobranças ou olha o planejamento para criticar; e foi ficando mais evidente que ele está ali para ajudar. Com isso, percebe-se que a maioria da equipe escolar está começando a ter um olhar mais apurado para intervir nas atividades e, assim, poder melhorar a aprendizagem na sala de aula como um todo. Enfim, as trilhas de monitoramento atuaram como norteadoras para o trabalho da gestão escolar e da equipe técnica pedagógica.

Equipe Técnica de Luiz Alves

Plano de formação das Coordenadoras/Diretoras

A equipe técnica, de posse dos conjuntos formativos de cada módulo, dos textos que balizam as concepções teóricas e as práticas da tecnologia, desenvolve a formação das coordenadoras e/ou diretoras. Um levantamento inicial sobre quais conhecimentos essas profissionais possuem sobre as concepções de aprendizagem e ensino da oralidade, leitura e escrita é muito importante. Talvez haja necessidade de um reforço nesses conhecimentos, uma vez que reconhecer as hipóteses de escrita e de leitura das crianças é condição para o desenvolvimento dessa tecnologia.



Encontro de formação na escola para as professoras –
CEM Abelardo Torquato Rosa – Camboriú

A proposta é que as pautas sejam apresentadas e discutidas com as coordenadoras pedagógicas e/ou diretoras, em encontros formativos mensais, realizados por formadoras da equipe técnica. A depender do tempo disponível para a formação, poderá haver casos em que a equipe resolva realizá-los quinzenalmente. Para que as técnicas formadoras sintam-se apoiadas nesta ação formativa, há pautas comentadas.

Plano de formação para as professoras

Assim como as técnicas, as formadoras da escola, coordenadora e/ou diretora precisam estabelecer um plano de formação dos conhecimentos que cada pauta vai colocar em jogo para suas professoras. O apoio das pautas, assim como das trilhas de monitoramento, permite ajustar passo a passo os caminhos da formação, os planejamentos, a observação das atividades e, o mais importante, as aprendizagens das crianças.

Após terem passado pelo programa, as equipes gestoras das escolas têm mais condições para a realização da construção dos seus planos de formação.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem Colaborativa (AVAC)

Nos programas e projetos desenvolvidos pelo Instituto Avisa Lá, sempre consideramos relevante a criação de um ambiente virtual, no qual possam ser postados os materiais da formação, além de serem espaços que garantem a comunicação, a troca de experiências entre os participantes e a postagem de materiais produzidos pelo grupo.

Na implementação do programa no território do CoGEMFRI, a produção do AVAC garantiu a postagem de todos os elementos didáticos pedagógicos associados a TEEFCE, mas também o que foi solicitado aos participantes, no formato de trilhas de monitoramento, observações nas visitas técnicas, diagnósticos, modelos e orientações para as sondagens e seus resultados, entre outros. As filmagens das *lives* e dos encontros de formação e a supervisão da inclusão que aconteceram online, como atividade síncrona. Também foram colocados no ambiente, para que pudessem ser revisitados pelos participantes sempre que precisassem.

Mas o AVAC não é apenas um repositório de textos e vídeos. É, sim, sobretudo um ponto de encontro entre os participantes, para que

também continuem no processo de construção de um trabalho colaborativo, favorecendo a criação da identidade do território diante das propostas formativas.

Boa parte dos municípios participaram de formações para construírem seus próprios ambientes e, assim, continuarem a promover encontros propositivos, desta vez entre as escolas.

Para isso, o responsável pelo suporte técnico do Avisa Lá realizou encontros formativos com as técnicas de informática das Secretarias de Educação, fazendo orientações de como salvar os arquivos, quais os melhores programas a serem utilizados de acordo com as necessidades e possibilidades de cada rede e disponibilizando roteiros, que serviram de orientação para a criação dos ambientes virtuais.

Concepções de aprendizagem e de linguagem

Para tomar a decisão sobre aderir à tecnologia, é fundamental que a gestora da Educação do município, suas assessoras próximas e equipe técnica dirigente, além de terem acesso aos componentes do programa, também conheçam e se apropriem das concepções que balizam essa proposta, para que façam uma opção bem consciente dos desafios que terão. As escolhas feitas em relação às concepções de alfabetização e de formação adotadas nessa tecnologia derivam de muitas experiências bem-sucedidas em escolas públicas, conversando com a maioria das proposições da BNCC.

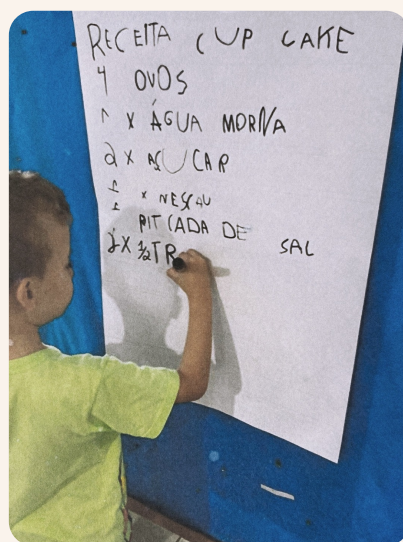
O foco nas experiências com a cultura escrita

A pesquisa Alfabetiza Brasil⁷, realizada pelo INEP (Instituto Nacional de

⁷ https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_examenes_da_educacao_basica/relatorio_da_pesquisa_alfabetiza_brasil.pdf

Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), apresenta que:

De acordo com o sistema nacional de avaliação (2023), 56% dos estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental estavam alfabetizados; portanto, 44% das crianças ainda não conseguem alfabetizar-se na idade certa.



Núcleo de Educação Infantil Pão e Mel – Balneário Camboriú

Esses dados nos mostram que, a despeito da proposição de metas e dos esforços dos governos federal, estaduais e municipais nos últimos anos, a alfabetização na idade certa ainda é um desafio para boa parte das redes brasileiras.

Sendo a questão da alfabetização inicial tão desafiante para as redes públicas, a tecnologia desenvolvida, além de contribuir com esta temática, procura ampliar para outro tema relevante: a passagem da educação infantil para o ensino fundamental, que pode ser um momento de grande

tensão nas redes. Há situações de uma mudança radical, em relação às experiências que as crianças têm na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental. Mudanças que se expressam de muitas formas: na organização dos espaços (por exemplo, na configuração das salas de aula, que passam a ter fileiras de mesas e cadeiras), dos tempos do cotidiano escolar (uma mudança muito evidente diz respeito à redução dos momentos destinados às brincadeiras). Mas talvez sejam nas atividades ditas de alfabetização que os conflitos se tornam mais evidentes, com posicionamentos muitas vezes contraditórios. Há quem advogue que atividades de leitura e escrita devem estar totalmente banidas das pré-escolas, pois estas são espaços de brincadeiras, interações, atividades de exploração de materiais, movimento, música. Desenvolver experiências com a linguagem escrita poderia “roubar” o tempo do brincar e antecipar experiências que seriam próprias do ensino fundamental.

Por outro lado, há aqueles que entendem que a pré-escola tem, sim, um cunho preparatório e as “atividades ditas de alfabetização” povoam salas de educação infantil, como, por exemplo, exercícios específicos com letras sílabas ou palavras isoladas para colorir, copiar, cobrir o tracejado, ligar letra a uma figura. Ainda que muitas redes não endossem essas práticas, as professoras, por conta própria, buscam modelos na internet e os reproduzem à exaustão, ao longo dessa etapa de escolarização. Se esse tipo de “alfabetização” fosse efetivo, não existiriam os problemas apresentados anteriormente.



Livros ao alcance das crianças –
NEI Pequeno Navegador –
Balneário Camboriú

No ensino fundamental, dúvidas seguem povoando a cabeça das profissionais: no primeiro ano, os alunos podem “perder tempo” brincando? As salas precisam seguir uma organização do ensino tradicional, com mesas e carteiras umas atrás das outras?

A organização do tempo e das atividades propostas no primeiro ano já se apresenta dividida por áreas de conhecimento? O apoio da BNCC pode, por lado, conferir um norte, mas pode, por outro, trazer mais dúvidas.

A Educação Infantil e a BNCC

Uma consulta a documentos oficiais ajuda a compreender melhor o que devemos oferecer às crianças na educação infantil, no que diz respeito às experiências com a linguagem escrita. De acordo com a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, por exemplo, o parágrafo dedicado a apresentar

o **Campo de Experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação** define que:

“Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.”

(BRASIL, 2018)

Portanto, desde a Educação Infantil, a criança deve encontrar, na escola, um espaço em que circulem práticas sociais de leitura e escrita, já que elas fazem parte das suas vivências cotidianas desde o nascimento. A criança pequena tem muita curiosidade e quer conhecer o mundo em que vive. E, desde cedo, interessa-se, dentre muitos assuntos, pela linguagem escrita: quer saber para que serve e como funciona.

Ao estabelecer que o conhecimento da criança, sua curiosidade e suas hipóteses devem ser centrais na proposição de experiências com a linguagem escrita, a BNCC coaduna com a ideia de que ela deve ser protagonista na ação educativa, e não mera copiadora passiva de exercícios mecânicos e repetitivos.



O trabalho com as brincadeiras tradicionais cantadas – EBM Pequeno Príncipe – Bombinhas

O documento oficial, que norteia os currículos de todas as escolas públicas e particulares, traz recomendações precisas para a organização do trabalho na Educação Infantil, que deverá garantir:

- protagonismo infantil;
- escuta ativa;
- realização de propostas plenas de sentido e que configurem em experiências para as crianças;
- intencionalidade educativa;
- compreensão das ideias e dos pensamentos infantis;
- articulação de experiências e saberes.

ALUNO	DATA	LIVRO
	12/10/5	MAIS!
	26/10/5	ESPERE POR MIM
	20/10/5	SO VOCE E EU
	02/10/6	QUEM E O CORUJO VALENTEADO?
	12/10/6	UM AMOR DE COUFLADO
	16/10/6	VOCE E EU
	23/10/6	O TEXUGO E A ARANHA
	24/10/6	BRANCA DE NEVE MELHORES AMIGOS PARA TODOS
	01/10/8	QUE BOM DIA COM ADELAIDE
	07/10/8	QUEM E O CORUJO VALENTEADO?
		MAIS!
	22/10/8	24/10/8
	11/10/8	11/10/8
	20/10/9	20/10/9

Lista dos cem livros –
Centro Integrado de Ensino
Fundamental – Balneário Piçarras

Para cada um dos campos de experiências que organizam o currículo da Educação Infantil, a BNCC sugere sínteses de aprendizagens, que podem apoiar o olhar das professoras para aquilo que as crianças precisam aprender.

Para o campo de experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, no qual estariam destacadas as experiências ligadas à cultura escrita, o documento organizou a seguinte síntese de aprendizagens, de acordo com os objetivos previstos para a etapa da Educação Infantil:



expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios;



argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzido;



ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas;



conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação.

Além de ser um indutor das práticas a serem desenvolvidas ao longo da

Educação Infantil, a consideração das aprendizagens essenciais ajuda a balizar o planejamento inicial do primeiro ano, sem que funcionem como pré-requisito para que as crianças “passem da EI ao EF”.

A BNCC e o Ensino Fundamental

O primeiro ano do Ensino Fundamental marca o momento de transição da Educação Infantil para a etapa seguinte da escolarização. Segundo a BNCC:

“A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. (...) Além disso, para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico.”

(BRASIL, 2018)

É importante ressaltar que a BNCC afirma ser a alfabetização o foco central dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesta etapa, de acordo com esse documento, as crianças devem ampliar a participação em práticas sociais de leitura e escrita, bem como as reflexões sobre o sistema alfabético, partindo do conhecimento que foi sendo construído desde a Educação Infantil, quando já lhe era possibilitado refletir sobre a língua escrita, construindo hipóteses sobre seu funcionamento e usos, por meio da participação em situações de leitura e escrita. Segundo a BNCC:

“Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela **consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas** de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas, quanto o que ainda precisam aprender.”

(BRASIL, 2018)

O contexto de continuidade entre as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental implica que se ampliem as práticas de leitura e de escrita, tendo sempre a criança como protagonista, considerando que ela vai construindo seu conhecimento sobre a linguagem escrita, modificando

hipóteses de escrita, sendo capaz de produzir textos de autoria (individual ou coletiva), com sentido e significado para ela, participando de situações de leitura com demandas crescentes e que possibilitam:

[...] “uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura.”

(BRASIL, 2018)

Procurando extrair tanto das orientações para Educação Infantil, quanto das específicas para o Ensino Fundamental, aquelas que permitem uma composição compatível entre ambos os níveis de escolaridade, essa tecnologia foca as ações formativas e propostas pedagógicas nas práticas sociais de oralidade, leitura e escrita transversal, de brincar e interagir e, ainda, de identidade, movimento e desenho.

Aprendizagem por resolução de problemas nas interações



Escola Básica Municipal
Professor Rafael Rech – Luiz
Alves

Ao contrário de uma concepção de que se aprende por transmissão de conhecimento, com atividades mecânicas e repetitivas, essa tecnologia considera que a criança constrói conhecimento por meio de situações instigantes, nas quais precisa pensar para resolver desafios que a mobilizam a colocar em jogo tudo o que sabe.

Para tanto, é fundamental acreditar nas capacidades que ela possui para interagir e se colocar como sujeito que busca soluções e se compromete com aquilo que procura resolver. Evidentemente, isso implica uma professora que tenha a capacidade de suportar os estados de dúvidas e não forneça as respostas prontas às crianças, mas que possa, por meio de boas perguntas e proposições que façam sentido, incentivar que elas mobilizem recursos e saberes para construir novos conhecimentos.

A escrita como representação da linguagem

Parte-se do pressuposto de que a escrita não é apenas um código, que precisa ser apreendido como uma técnica, mas um sistema de representação, que se constitui como um objeto de conhecimento a ser apropriado pela criança. Para tanto, é necessário que sejam oferecidos meios para que elas enfrentem os desafios de escrever a partir de seus recursos, hipóteses e pensamentos, com apoios que a professora fornece. Crianças ainda na pré-escola podem já saber, caso tenham tido oportunidades de boas atividades, que as letras são diferentes dos desenhos, dos números; que é preciso certa quantidade de letras ao escrever; quais são as letras necessárias para escrever determinada palavra etc. Por isso, é importante que elas tenham acesso a situações em que se torne necessário escrever, dentro de um contexto significativo, que lhes faça sentido. Para isso, é fundamental garantir as condições didáticas imprescindíveis: diferentes oportunidades para escrever e ler, segundo suas hipóteses, mediante boas e desafiadoras intervenções da professora; ter apoios para a escrita, tais como a presença de listas de nomes da turma à vista das crianças e tarjetas individuais com os nomes individualizados; muitas situações de leitura; além do precioso recurso cultural das parlendas, brincadeiras cantadas, que une, brincar, ler, escrever, desenhar e movimento, e várias outras possibilidades demonstradas nos vídeos da TE.

A alfabetização na Educação Infantil

Nesses encontros, pudemos desmistificar o processo de alfabetizar ou não na Educação Infantil, uma dúvida recorrente na rede, que angustiava as professoras, sempre que o assunto vinha à pauta. Percebemos, no processo, que a grande preocupação se dava pela apropriação do sistema alfabético de escrita por si só.

Na proposta do programa, compreendemos que, por meio das experiências com o faz de conta, o brincar, as brincadeiras cantadas, o desenho, o movimento, as situações de leitura e de escrita pela criança com significado e das interações durante essas práticas, são garantidos os seus direitos e potencializa-se a autonomia delas.

A criança se aproxima da cultura escrita, compreendendo seus diferentes usos nos mais diversos contextos. Nesse sentido, percebemos que a aprendizagem com ofertas de atividades prontas, mecanizadas, não propicia o pensar da criança sobre a escrita e sobre ela mesma.

Dessa maneira, a formação reflexiva trouxe uma nova perspectiva quanto à aprendizagem das crianças na Educação Infantil; da leitura e escrita pela criança, em atendimento a uma necessidade, em diferentes contextos, em situações mediadas pela professora, com intencionalidade e a importância da oferta dessas situações, planejadas e desenvolvidas com o olhar atento às progressões do grupo e das crianças em suas singularidades, em cada unidade de ensino e na garantia de equidade em todas as escolas da rede.

É evidente que desafios no caminhar são perceptíveis. O objetivo de garantir que todas as crianças aprendam e a certeza de que há práticas que devem ser asseguradas em todas as escolas fez com que nós, equipe técnica e coordenadoras pedagógicas, colocássemos em ação algumas condições que favoreceriam o processo; o que foi possível graças ao senso de equipe, de colaboração, de trocas, de rotatividade de materiais em empréstimos de uma unidade para a outra e de partilha. Senso de colaboração esse que institucionaliza e garante que o processo de formação se efetive, pois os pensares são compartilhados por todos, o que traz o pertencimento dos sujeitos envolvidos às ações que são realizadas.

Com a formação reflexiva internalizada, e incumbidos da importância da garantia da continuidade, faz-se necessário a revisão e a reestruturação dos documentos norteadores de rede, dos projetos políticos pedagógicos para atendimento das fundamentações teóricas que estão ao encontro da proposta do programa, bem como do planejamento estratégico da Secretaria de Educação, no direcionamento dos cronogramas de formações e de acompanhamento dessas práticas desenvolvidas nas escolas, mantendo-se o equilíbrio entre a ação, reflexão, ação da equipe técnica, coordenadoras pedagógicas e professoras do segmento.

Equipe Técnica de Ilhota



Crianças escolhem livros para empréstimo – CEI Vovó Varda – Ilhota



Espaço de leitura – Ilhota

A leitura literária como parte do processo de alfabetização

Na rede municipal de Bombinhas, entendemos a alfabetização como um processo amplo, que envolve a formação de um leitor e escritor pleno. A Literatura, como prática cotidiana na escola, pode ampliar o repertório cultural e linguístico das crianças, contribuindo fortemente para o desenvolvimento das habilidades de leitura, uma vez que a linguagem literária está marcada por vazios, confusões, espaços em aberto para o leitor atribuir sentidos diversos.

Por isso, para pensar a formação de um leitor autônomo, é essencial organizar situações de leitura literária, pois ler com a mediação das professoras, com outras crianças da turma, é condição para que a construção de sentidos sobre o lido aconteça. Nessa interação, um pode beneficiar-se da competência do outro.

Para assegurar um trabalho consistente com a Literatura, houve um comprometimento da parte das equipes gestoras com a formação das professoras. Sentimos a necessidade de discutir critérios de

escolha de livros e recomendar aqueles de boa qualidade, para reverberar no trabalho junto às crianças. Se a leitura, por meio da professora, é uma ação frequente, as crianças passam a considerá-la também importante. E isso pode favorecer a criação do hábito leitor.

Equipe Técnica de Bombinhas

Mudanças nos espaços: marcas das crianças e ambiente alfabetizador

Repensar sobre os espaços da sala de aula deve fazer parte do planejamento da professora, como uma ação contínua, em prol da aprendizagem da criança, devendo esse ter uma marca positiva.

Mesmo já existindo o Cantinho da Leitura nas Unidades Escolares, com o Programa Melhoria da Educação - TEEFCE, passamos a refletir sobre a qualidade da literatura existente, bem como sobre qual a forma de deixá-lo mais atraente. Não só para que a escolha dos livros possa acontecer, mas para que fosse um espaço em que as crianças pudessem sentir como “seu”.

Como fazer do cantinho de leitura um lugar que identificasse aqueles leitores? O registro dos livros lidos pela turma ou do empréstimo de livros foram os caminhos escolhidos. Ali, junto aos livros, a lista de todos os títulos identificava aquela turma de leitores, a sua história, assim como a lista de empréstimo. Além

disso, configuraram situações propícias à reflexão sobre a escrita, sendo essa ação de suma importância.

Outro fator importante na organização dos espaços diz respeito à criação de um ambiente alfabetizador, o que pode ser feito com as muitas maneiras de se compartilhar com as crianças a escrita, com o uso de suportes, como a lista de nomes, dos dias da semana, das palavras mágicas, do varal com os cartazes das brincadeiras cantadas. Enfim, toda a rotina organizacional diária das aulas deve estar disponível para as crianças e ser utilizada cotidianamente. As listas já conhecidas trazem palavras estáveis, que servem como apoio para novas escritas e leituras pelas crianças em processo de alfabetização.

A professora Josiane ressalta que “a aprendizagem vai se configurando quando construída pela participação direta das crianças, com a inclusão das práticas apresentadas no plano diário; devemos fixar os registros, mostrando a escrita antes das crianças se apropriarem dela, garantindo, assim, sua aquisição. A criança ser envolvida no processo faz toda a diferença”.

A mudança nos espaços, nas paredes da sala de aula e da escola, nos proporciona oportunidades de aprendizagem, pois ela possui intencionalidade pedagógica. Esses espaços, com as marcas da turma e textos de usos reais, engajam as crianças, tornando as propostas mais significativas para todas.

Christaine Roschel Nunes, Orientadora Pedagógica CIEF, Balneário Piçarras



Participantes analisam livros no Encontro de formação presencial com IAL – Módulo Apropriações Literárias – Balneário Piçarras



Crianças e professora participam de uma situação de brincadeira cantada – Balneário Piçarras



Crianças participam de uma situação de leitura, montando coletivamente uma parlenda – Balneário Piçarras

Mudanças nos espaços literários

As mudanças nos espaços para ambientes de aprendizagens literárias ocorreram, em nossa rede, depois de constatarmos que o acesso aos livros não era feito de forma equitativa, uma vez que nem todas as salas de aula tinham cantos de leitura, tampouco um acesso livre aos livros. Com as discussões provocadas pelo Programa Melhoria da Educação - TEEFCE, compreendemos que os cantos de leitura precisam fazer parte da rotina, em que as crianças possam escolher os livros que irão ler, a partir de boas opções oferecidas e organizadas pela professora. Quando esses ambientes são criados com intencionalidade e explorados constantemente, eles fomentam à formação leitora e despertam o prazer e a paixão pelos livros.

Para a nossa rede, a organização dos ambientes/espços que garantam boas aprendizagens é um princípio. E, para assegurar que todas as salas de aula tivessem seus cantos de leitura, discutimos nos momentos formativos com as professoras a importância de ter um bom acervo, considerando uma diversidade de títulos. Além da seleção de livros, houve um cuidado estético e

ético na criação do espaço, para que ele fosse acolhedor para as crianças, incentivando todas a explorá-lo. Mais do que o ambiente, nos preocupamos em desenvolver boas situações de leitura, por meio da professora e, também, das crianças.

A rede busca fortalecer os direitos das crianças no acesso aos livros, oferecer as oportunidades de imersão na cultura letrada, como previsto nas Diretrizes da Educação Infantil, Nacionais, Estaduais e Municipais.

Equipe Técnica de Bombinhas



Espaços de leitura para além dos cantos de leitura nas salas – Luiz Alves



Pallet de madeira, decorado com desenhos das crianças e bons livros – Camboriú



Cabana da leitura localizada no corredor da escola – Bombinhas

Inclusão

As pautas do programa oportunizam um ensino mais equitativo. São propostas pensadas para o acolhimento e a participação de todas as crianças e estudantes.

Inclusivas, as atividades abarcam momentos interativos, de trocas, de diálogo, como as rodas de conversa, o mar de histórias e as sessões simultâneas de leitura.

Situações de escrita, em contextos significativos, cercado de histórias, propósitos e muita reflexão sobre a escrita do próprio nome e dos nomes dos amigos.

São muitos os desafios que envolvem a funcionalidade social da escrita, a partir do contato com os diferentes suportes textuais presentes em toda a parte. Todos têm uma “utilidade” e fazem com que as crianças percebam a função e o sentido da escrita em contextos variados: a inscrição na participação dos momentos de leitura para ouvir histórias; a cantiga a ser eleita; nos momentos de

empréstimos de livros; em um ambiente organizado pela professora, que compreende a criança como sujeito ativo, com marcas da sua construção de aprendizado nas paredes da sala e no entorno escolar.

Equipe Técnica de Ilhota

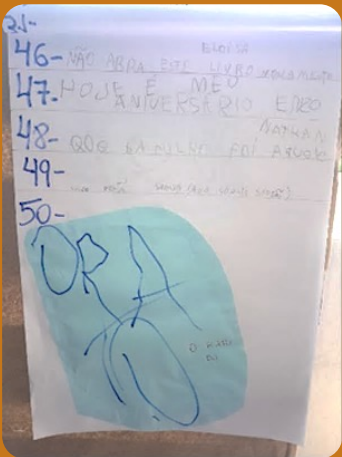
“Nas práticas propostas pelo programa, o estudante A. T. participa ativamente, realizando a escolha de obras literárias e lendo para os coleguinhas, com mediação da professora. Nas situações de escrita, juntamente com a turma, faz descobertas e escreve, buscando autonomamente os suportes ofertados. Não se faz necessária a adaptação de atividades, pois o que é proposto respeita o desenvolvimento de cada criança e promove as descobertas, a socialização e o sentido de aprender.”

Joice Denise Assini de Oliveira,
Coordenadora Pedagógica da E. M. M. Pedro Teixeira de Melo – Ilhota



A.T. procurando nomes no
caça-palavras – 1º ano
E. M. M. Pedro Teixeira de
Melo – Ilhota

A presença de textos nos ambientes
oportuniza que as crianças leiam.
Centro de Educação Infantil Maria
Terezinha Hammes Schmitz – Ilhota



A.T. escreve o nome da obra
lida no cartaz da lista dos cem
livros – 2º ano E. M. M. Pedro
Teixeira de Melo – Ilhota

Inclusão

A experiência de inclusão escolar envolve uma estreita parceria entre as professoras de sala de aula regular e as de Atendimento Educacional Especializado (AEE), como uma das principais bases para a construção de um ambiente onde todos aprendem. Essa colaboração é crucial para promover a integração e o desenvolvimento integral dos alunos com deficiência nas atividades pedagógicas realizadas, proporcionando oportunidades para exploração de suas potencialidades.

A parceria contínua entre o AEE e currículo garante que o processo de inclusão não se restrinja ao atendimento especializado, mas que permeie toda a rotina escolar, favorecendo a interação e o aprendizado de todos, criando um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e de ensino mais equitativo.

Equipe Técnica técnica – Balneário Camboriú



A colaboração e a diversidade enriquecem nosso aprendizado. Juntos, construímos o conhecimento – Balneário Camboriú

A interação entre os diferentes profissionais da escola e o apoio dado às famílias reforça a importância do envolvimento de todos no processo de inclusão escolar – Balneário Camboriú



Formação continuada reflexiva: ação-reflexão-ação

A formação continuada do profissional de Educação não pode restringir-se apenas a cursos de curta duração, palestras ou outros eventos pontuais centralizados, em sua grande maioria, no início ou no meio do ano, ou como parte da celebração do dia do(a) professor(a), por exemplo. Esses eventos, embora possam divulgar novos conhecimentos em geral, trazem poucas contribuições efetivas para o trabalho direto com as crianças.

A reflexão sobre a prática, lastreada em sólidos conhecimentos teóricos advindos de pesquisas sobre ensino e aprendizagem, possibilita a construção de novas propostas pedagógicas, que incidem diretamente nas atividades oferecidas às crianças, sem exceção.

Formação continuada reflexiva

Em Ilhota, antes da parceria com o Programa Melhoria da Educação – TEEFCE, encontrávamo-nos na situação da oferta de formações sem continuidade, que geralmente atendiam a todo o público de profissionais da Educação, com assuntos genéricos, de acordo com a demanda advinda da professora, em formato de palestras, sem o acompanhamento da prática, a não ser pelos planejamentos.

Por meio do programa, passamos a ter um novo olhar quanto aos processos reflexivos e continuados de formação, para a consolidação da reflexão na prática. Após o contato com as formadoras do programa, nós, do grupo de gestoras da secretaria e das unidades de ensino, sentimos a necessidade de, antes de realizar as formações na escola, retomar as pautas, observando as especificidades da rede e tratando das singularidades e necessidades formativas do grupo. Decidimos, então, pela formação das professoras em encontros agendados. Consideramos garantir que a formação acontecesse às quartas-feiras, quando

todos as docentes desse segmento estivessem em horas-atividades previstas no cronograma escolar. Isso possibilitou que todas as professoras da rede municipal de ensino de Ilhota estivessem reunidas e pudessem contribuir com sugestões, vivências, depoimentos e dúvidas, o que enriqueceu o processo.

Apropriadas, gestoras e professoras, articulamo-nos no desenvolvimento das pautas na prática, com pensares da ampliação destas, procurando sempre considerar o conhecimento das crianças da turma na adequação aos níveis de aprendizagem para o acolhimento e inclusão de todas as crianças, na oferta dos subsídios necessários e no planejamento dos espaços, dos tempos, e nas demais organizações.

Para que tivéssemos êxito da formação na prática, nós, técnicas da Secretaria de Educação, realizamos visitas periódicas pré-agendadas, com roteiro de observação, na intenção de nos certificarmos do desenvolvimento das ações e de colaborarmos com devolutivas, quanto ao progresso e necessidades de cada unidade de ensino.

Essa ação integrada entre as profissionais contribui para o movimento reflexivo da formação em torno da prática (ação-reflexão-ação), corresponsável e que reflita na aprendizagem das crianças.

Equipe Técnica de Ilhota

“Hoje conseguimos perceber a importância de ter nos constituído como formadoras, e é visível o envolvimento de todas as CP's nas trocas durante a retomada das pautas.

Percebi que uma das mudanças realizadas que ajudaram muito nesse processo foi unir todas as profissionais nos momentos da realização das pautas.”

Raquel Zapelini Alexandre,
Coordenadora Pedagógica do CEI Professora Gianna – Ilhota



Encontro de formação na escola – Ilhota



Professoras e crianças leem livros junto ao canto de leitura – Ilhota

Formação continuada diferente de curso

Em nosso município, havíamos tido algumas experiências formativas que se estruturaram a partir da reflexão sobre a prática e que nos auxiliaram no processo de construção de conhecimento das professoras da rede. Contudo, o Programa Melhoria da Educação nos trouxe uma perspectiva mais clara e estruturada de formação continuada, começando pela forma como as pautas dos encontros eram propostas: baseadas na reflexão sobre a prática em sala de aula e sempre abrindo espaço para participação do grupo. Cada pauta formativa estava alinhada com a outra, constituindo uma sequência, marcada pela intencionalidade principal de apoiar a equipe na reflexão sobre a teoria e a prática, interligando-as, por meio dos vídeos e das questões problematizadoras.

Contudo, ao introduzir as formações, a primeira impressão das professoras, em relação ao Programa Melhoria da Educação, foi a de que seria mais um curso transmissivo, similar à grande parte das formações que costumavam ocorrer no início do ano, nas quais todas as docentes participavam juntas. Conforme a pauta era

discutida, as coordenadoras tiveram que, em um primeiro momento, lidar com a barreira que as professoras haviam erguido, devido às suas experiências passadas. Para atingir o esperado, as coordenadoras pedagógicas, delicadamente, foram validando cada comentário das professoras, sempre enfatizando a construção de pensamentos, com perguntas que aguçavam as discussões, favorecendo o diálogo. Pouco a pouco, as docentes começaram a se sentir parte do processo, pois tiveram espaços para expressar suas opiniões, sendo validadas em cada ponto discutido, ao mesmo tempo em que refletiam sobre a prática.

Durante os encontros formativos, as professoras participavam das práticas como “as crianças”, tal como aconteceu com o bingo de nomes, o mar de histórias, as sessões simultâneas de leituras, entre outras. Destacamos também a importância do momento dedicado às “notícias da prática”, quando elas compartilhavam boas experiências de leitura e escrita com seus pares, oferecendo novos observáveis. Tudo isso enriqueceu o processo de formação.

As coordenadoras pedagógicas, diante da avaliação positiva do

grupo formado sobre suas ações nos encontros, ficaram entusiasmadas e sentiram-se validadas e confiantes em seu papel.

Equipe Técnica de Luiz Alves



Durante a formação, professoras planejam atividade que será desenvolvida com as suas turmas – Luiz Alves

Como a formação continuada foi estruturada

Em nosso município, a formação continuada acontece na hora atividade da professora. No ano de 2020, foi criado um decreto para organização do quadro de horário das aulas, de forma que as professoras estejam disponíveis para realizar a formação continuada quando for solicitado. Após a adesão ao Programa Melhoria da Educação, a realização dos encontros formativos se deu na sede da Secretaria de Educação, cujo espaço foi preparado previamente, para que pudesse ser um ambiente agradável para as docentes das escolas diretas e indiretas. Assim, conseguimos abordar os temas discutidos nas formações para toda a rede de ensino, em um mesmo momento.

No início, as educadoras eram convidadas a participar das formações na Secretaria de Educação. Em seguida, elas desenvolviam na escola o que haviam vivenciado nas formações e tinham a oportunidade de relatar suas experiências e refletir sobre elas. Ao longo do ano, as Diretoras e Especialistas realizaram as formações em sua unidade escolar, na parada pedagógica, com o objetivo de assegurar a ação docente que

promova aprendizagem significativa da professora para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Equipe Técnica de Penha



Encontro de formação –
SEDUC Balneário Piçarras



Participantes apreciam e
analisam livros de literatura em
encontro formativo – Penha

Formação continuada

Formação continuada. Formação essencial para professoras e equipes gestoras, que, além de se atualizarem teoricamente, podem, também, refletir sobre o seu fazer docente, considerando as necessidades, demandas, especificidades e contextualizações dos sistemas de ensino.

Para a Secretaria de Educação Municipal de Balneário Camboriú, a formação continuada estava no foco das discussões entre os Departamentos de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Esforços foram investidos para oportunizar formação às profissionais da nossa rede, em diferentes contextos, como: cursos, seminários, programas, reuniões formativas, hora atividade. Mas algo nos inquietava sobremaneira. Queríamos algo mais presente, que expressasse de fato continuidade; que contemplasse a importância da linguagem de rede; que conversasse com nossa trajetória, com a produção dos nossos documentos. Estávamos em um movimento de fortalecimento das supervisoras, objetivando ter nelas a profissional formadora de

referência para as respectivas unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Enquanto percurso formativo, enquanto processo de transição entre as respectivas instituições e seu público-alvo. Foi nesse movimento que tivemos a oportunidade de firmarmos parceria com o Programa Melhoria da Educação, TE - Experiências Formativas em Cultura Escrita com crianças de 4 a 6 anos, com os módulos.

Equipe Técnica de Balneário Camboriú

Espaço de leitura criado no refeitório com prateleiras baixas para os livros ficarem acessáveis às crianças – Balneário Camboriú



Formadoras da Rede, na rede e para a rede!

Participaram do processo de implantação do programa, um conjunto de 05 (cinco) Núcleos Focais para a Educação Infantil e 05 (cinco) Centros de Educação Municipal Focais para o Ensino Fundamental, com suas respectivas supervisoras e gestoras.

Percebemos, logo no início da caminhada, a forma respeitosa com que o Programa acolheu nossas necessidades. Desse encontro parceiro, a formação continuada percebida como potente ação pedagógica foi descortinando-se no decorrer do percurso formativo.

Como se não bastasse a potência das formadoras do Programa, havia, por parte delas, o investimento de tempo, trabalho e metodologias, para capacitar os focais participantes, para que estes pudessem formar suas respectivas professoras. Cabe ressaltar, no decorrer das formações, o uso da PAUTA COMENTADA. Pauta esta percebida como um documento

reflexivo, que não funciona como uma ata, descrevendo tudo o que aconteceu no encontro, mas destaca aspectos que causaram reflexões, dúvidas e, à medida em que as proposições vão sendo efetivadas, lança luz para registrar as ressignificações das práticas pedagógicas, articulando à linguagem, no sentido de trazer as reflexões do grupo, podendo, inclusive, complementar com as falas pertinentes durante os encontros de formação.

Diante da potência desse programa e, sobretudo, da temática Leitura e Escrita, com um olhar cuidadoso para as especificidades da infância, objetivamos ampliar para todos os Núcleos de Educação Infantil da Rede Municipal de Balneário Camboriú, por meio de encontros formativos para as **equipes gestoras** (gestora e supervisora) e para **duas professoras** (no contraturno), representantes de cada unidade, preferencialmente para aquelas que atuam com turmas da pré-escola.

Objetivando ampliar as discussões trazidas pelo Programa, para todos os Núcleos de Educação Infantil (NEIs) e todos os Centros Educacionais Municipais (CEMs) da Rede Municipal de Balneário

Camboriú, encontrávamo-nos ou no final da formação, para continuar planejando e discutindo, ou no decorrer da semana, de modo síncrono ou assíncrono para organizarmos a partilha para nossa rede.

No Ensino Fundamental, discutimos questões que vão desde a escolha dos livros até as falas de cada formador. Muitas vezes, aproveitamos essas reuniões após a formação, mantivemos o contato por videochamadas e utilizamos o drive para compartilhar e revisar os documentos escritos. Após a preparação, essa formação era destinada às docentes da rede do município.

Almejamos, dessa forma, que toda a rede de Balneário Camboriú estivesse alinhada à imersão das crianças à cultura escrita, compreendendo esse acesso e ampliação do repertório cultural das crianças e respaldando as práticas pedagógicas a partir dos nossos documentos norteadores em nível nacional (DCNEI, 2009), local (Proposta Curricular de Balneário Camboriú, 2021), bem como contemplando os PPPs de todo os núcleos de Educação Infantil.

Os materiais utilizados como recursos para as formações são disponibilizados via e-mail pelos respectivos Departamentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental, visando estabelecer a paridade na linguagem em rede, promovendo a mesma formação nas unidades, a partir de um profissional que ficará responsável por essa partilha e acompanhamento, preferencialmente a supervisora; mas que poderá, na falta deste, ser outro profissional que esteja participando ativamente das formações como focal.

Cabe comunicar que, em cada formação com as equipes gestoras, utilizamos do recurso “Boas notícias da prática”, que aspira compartilhar as ações que estão sendo efetivadas e propostas na formação efetuada com a equipe, no sentido de espalharmos boas práticas e inspirarmos uns aos outros.

Sim, raspamos muitas tintas com as quais nos pintaram; encontramos juntos novas cores, novas possibilidades brincantes de viver o ler e o escrever; e, concomitantemente, fomos afetadas literalmente enquanto potentes formadoras para nossa rede. E o

que já queríamos como Departamentos da Secretaria de Educação encontrou espaço para se efetivar: **Formadoras da Rede, na rede e para a rede!**

Equipe Técnica de Balneário Camboriú

“Ser supervisora formadora da rede na rede

A área da supervisão escolar, função na qual atuo há oito anos na rede municipal de Balneário Camboriú, ampliou os três princípios básicos, os quais considero fundamentais para que o profissional possa garantir uma educação de qualidade: dedicação, compromisso e autonomia! Nesse sentido, no meu primeiro ano como Supervisora, em 2016, iniciei os primeiros passos como formadora, reunindo o grupo de professoras da minha unidade, para orientar aspectos relacionados a projetos de trabalho e planejamento. Contudo, foi a partir do ano de 2022, com a formação no Mestrado em Educação e, sobretudo, com o programa Melhoria da Educação - TEEFCE, que me constitui como supervisora formadora. E,

dessa forma, percebi o meu potencial! Um programa com um tema extremamente importante, com profissionais excelentes mediando as formações com as equipes gestoras, foi fundamental para reverberar nas minhas formações planejadas com a equipe de professoras da instituição onde atuo. Afinal, esse é o propósito: rede! Rede que auxilia; rede que une, que ressignifica, que tem conhecimento da primeira infância. E, acima de tudo, que respeita os direitos das crianças!”

Carine Silva, supervisora da rede de Balneário Camboriú



As letras das cantigas e das brincadeiras tradicionais cantadas estiveram presentes para a leitura das crianças. Módulo Brincar, Ler e Escrever – Balneário Camboriú

O papel das CPs como formadoras

“Em nossa rede, antes de participar do Programa, já havia momentos reservados no calendário escolar para as formações em serviço. Algumas vezes, a Secretaria organizava um roteiro (temas estipulados) para que as equipes escolares pudessem realizar as formações. Em outros momentos, deixava a equipe da unidade trazer a temática que elas sentiam necessidade em trabalhar; as situações do cotidiano em que era preciso abordar com as professoras. Fomos percebendo que, nesses momentos, as equipes acabavam trazendo outro profissional para realizar a formação, por não se sentirem seguras e, conseqüentemente, elas não tinham aprofundamento das temáticas abordadas no percurso formativo. As práticas contextualizadas de leitura e escrita e as ações integradas em níveis diferentes de gestão da aprendizagem eram pouco trabalhadas. “Com o programa, começamos a sistematizar pautas planejadas a partir do contexto de práticas sociais de escrita, elencando boas situações de leitura e escrita pela própria criança.”

Graciela Testoni, técnica da SME – Camboriú

Através das observações realizadas em sala de aula, ficou mais fácil identificar as demandas formativas das professoras, pois esse acompanhamento nos possibilitou ver as fragilidades nesse processo educativo.

A supervisora escolar, como mediadora, munida da formação continuada, consegue estabelecer uma base, que auxilia as docentes em múltiplas ações, para que sua identidade profissional seja baseada nos diferentes olhares, o que é preciso ter em relação ao trabalho realizado e aos resultados obtidos. Uma gestão pedagógica bem executada garante que as práticas de ensino estejam alinhadas com as diretrizes pedagógicas.

Em diferentes cenários, foi se constituindo o papel e as atribuições da supervisora escolar, e a sua identidade como articuladora e mobilizadora de um processo educativo, favorecendo a responsabilidade por garantir os processos de tomada de decisões, a coletividade e a descentralização, de forma que as ações pedagógicas, sobretudo as aprendizagens, sejam efetivadas, de acordo com a realidade de cada unidade escolar.

Para a supervisora Daiana Baltazar, do CEM Tânia Regina Garcia:

“Não é uma tarefa fácil, esse momento de dar uma devolutiva à professora sobre o trabalho desenvolvido em sala. Procuro iniciar minha fala trazendo algum aspecto favorável ao processo de aprendizagem dos estudantes, para depois contribuir com algo que precisa ser repensado. Ao assumir essa responsabilidade, que é minha, a de formar, acompanhar, oferecer apoio e oportunidade de desenvolvimento profissional, sinto que me fortaleço a cada encontro presencial do Programa Melhoria da Educação, aprendendo com as trocas entre os pares.”

Com as formações, começamos a compreender o papel da supervisora, que já tinha responsabilidade de acompanhar a prática pedagógica. A equipe vem constituindo-se como formadora de docentes, partilhando saberes, ideias e conhecimentos; acompanhando as práticas em sala de aula, desenvolvendo ações que estão trazendo mudanças efetivas no processo de ensino e de aprendizagem.

Equipe técnica do município de Camboriú

A ampliação do universo cultural e a valorização da diversidade

O Instituto Avisa Lá tem como princípio de trabalho a ampliação do universo cultural e a valorização da diversidade; o que também vai ao encontro das ações do Itaú Social. Conhecer e valorizar a cultura local, regional, a diversidade presente nas manifestações artísticas de nosso país e de outros lugares do mundo sempre estão no horizonte dos processos formativos do IAL.

“Quanto mais nutridos culturalmente estão os educadores, maiores as possibilidades de uma educação diferenciada.”

(CARVALHO, KLISYS e AUGUSTO; 2006)

Durante o desenvolvimento da TEEFCE, foram realizadas diferentes propostas, com enfoque neste princípio:



Leituras iniciais, na realização das pautas formativas: As formadoras do IAL faziam as leituras para representantes das equipes técnicas e gestoras escolares no início dos encontros presenciais ou online síncronos; que, por sua vez, faziam as leituras nos encontros formativos realizados nas escolas. A seleção de livros visava ao contato com obras para o público adulto e também para as crianças.



Mar de histórias – Módulo Apropriações literárias:

Uma das práticas abordadas nesse módulo, foi o mar de histórias, que consiste na apresentação de vários livros, exploração e análise dos participantes com a mediação da formadora. A prática foi desenvolvida nos encontros presenciais garantindo enfoques diversos:

- autores(as), ilustradores(as) e personagens negras, pertencentes aos povos originários e povos de diferentes culturas;
- obras que abordam as questões voltadas aos refugiados e imigrantes;
- obras de autores(as) e ilustradores(as) brasileiros(as);



livros-álbum ou livros ilustrados.

O Mar de Histórias foi uma prática bastante realizada nas escolas, com orientações para a garantia da participação de todas as crianças.



Indicação de filmes, músicas e bibliografia.



Apresentações artísticas, em eventos presenciais ou online, marcando o início e/ou o final de cada ano – grupo com marchinhas de carnaval, cantor com repertório de MPB, grupo da região de Santa Catarina com cantigas e brincadeiras cantadas, grupo de uma escola com apresentação do boi de mamão.



Apresentação do Boi de Mamão, em junho de 2024, com a participação das crianças do NEI Bom Sucesso – Gestora Shirley Machado e equipe – Balneário Camboriú

Apropriação da tecnologia pelo município

Uma vez que a gestora municipal e sua equipe técnica mais próxima conheceram o que é a tecnologia, seus componentes e suas concepções, é momento de planejar a sua entrada na rede.

Muitas questões deverão ser pensadas: todas as pré-escolas e escolas dos anos iniciais do ensino fundamental participarão? Nesse caso, a equipe técnica poderá acompanhar, monitorar e avaliar o desenvolvimento do programa na rede? A participação será por adesão? Quais critérios para participar? Este texto faz parte do Guia de Tecnologia, disponível para que qualquer município possa apropriar-se. [No caso da atuação direta no CoGEMFRI, houve apresentações diversas da proposta e seus conteúdos possíveis.](#)

Transição: direito a uma transição com sentido e significado da Educação Infantil ao Ensino Fundamental

Com a atualização da Proposta Curricular Municipal, em 2021, houve uma integração do currículo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Aproximaram-se os sujeitos responsáveis por cada etapa, na busca constante por conhecimento por meio de formação continuada. Foi quando nos deparamos com a proposta do Programa Melhoria da Educação – TEEFCPE, que, desde 2022, realizou encontros formativos com profissionais que atuam com crianças de 4 a 7 anos; ou seja, crianças dos Jardins I e II e estudantes dos 1º e 2º anos.

Promover momentos de formação continuada, com representantes das duas etapas de ensino, favoreceu as reflexões a respeito da responsabilidade de cada um no processo de aprendizagem das crianças.

Durante muito tempo, o EF se preocupou em “apontar dedos”

para o segmento anterior, indicando quais habilidades deveriam ter sido desenvolvidas com as crianças, e que, por essa razão, a atual etapa não conseguia avançar. Esse ciclo repetia-se no segmento seguinte, simplesmente porque, se não mudássemos as estratégias, chegaríamos sempre ao mesmo lugar.

Assim, ao invés de perguntarmos se as crianças da Educação Infantil eram preparadas para o Ensino Fundamental, deveríamos ter pensado, concomitantemente, sobre qual Ensino Fundamental apresentávamos para as crianças que chegavam da Educação Infantil.

Foi imprescindível reconhecer que, em um dado dia de fevereiro, não viraria uma chave na vida das crianças e elas deixariam de brincar para passar a dedicar-se apenas ao estudo escolar.

A escola de Ensino Fundamental não deveria representar uma ruptura brusca na vida da criança, mas acolhê-la em seu novo momento e possibilitar a ela situações de aprendizagem que fossem significativas e impulsionassem seu desenvolvimento.

Alinhados ao propósito de garantia de direitos, a tecnologia apresentada pelo Programa Melhoria da Educação – TEEFCE

evidenciou estratégias para que a apropriação do sistema de escrita acontecesse por meio de textos que fazem parte da realidade das crianças, com significado, gerando a necessidade de aprender.

Essas práticas foram desenvolvidas tanto nos núcleos de Educação Infantil, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerando suas especificidades. Assim, surge a possibilidade de ressignificar o “processo” de transição das crianças do Infantil para o Fundamental, a partir da parceria entre as escolas para favorecer o processo de transição:

PARCERIAS iniciais entre as escolas para favorecer o processo de transição

- C.E.M. GOVERNADOR IVO SILVEIRA
- N.E.I. SÃO JUDAS
- N.E.I. NOVO TEMPO

JULHO: Estudantes do 1º ano do C.E.M GOVERNADOR IVO SILVEIRA irão até o N.E.I Novo Tempo.

- CAIXA BRINCADEIRA – Escolher, praticar e ensinar uma brincadeira para crianças do Jardim.

- **APRESENTAR O ESPAÇO** – Apresentar o espaço já conhecido por eles durante o período na Ed. Infantil para as profissionais da escola.
- **RODA DE CONVERSA** – Contar para as crianças do Jardim como é a escola onde estudam.
- **INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS** – Crianças do núcleo ensinam brincadeiras para estudantes.

AGOSTO: Estudantes do 1º ano do C.E.M GOVERNADOR IVO SILVEIRA irão até o N.E.I São Judas.

- **CONVITE** – Crianças do Jardim escrevem convite para estudantes da escola; convite será enviado pelo correio, dando continuidade ao projeto já desenvolvido pelo núcleo.
- **GÊNERO TEXTUAL** – Estudantes aprendem sobre esse gênero e escrevem respostas. Escolhem um livro para ler e presentear os novos amigos no dia da visita.
- **RODA DE LEITURA** – Estudantes do 1º ano fazem a leitura da história para crianças do núcleo.

- **INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS** – Crianças do núcleo ensinam brincadeiras para estudantes.

AGOSTO: Crianças dos núcleos Novo Tempo e São Judas visitam, em dias diferentes, a escola.

- **SESSÃO SIMULTÂNEA DE LEITURA** – Professoras regentes/leitura, supervisora e estudantes realizam as leituras com as crianças do núcleo.
- **CONHECER O ESPAÇO ESCOLAR** – Visita guiada pelo ambiente escolar, os estudantes serão os monitores, guiando grupos pequenos de crianças.

POSSIBILIDADES

Poderemos usar recursos como chamadas de vídeo e e-mail, para que a comunicação entre crianças e estudantes aconteça, criando a necessidade da escrita e leitura.

Cabe dizer que, com a parceria entre o programa e a nossa rede de Balneário Camboriú, enquanto Educação Infantil e Ensino

Fundamental, estamos vivendo um processo de não transferência de responsabilidades ou culpabilidades. Estamos em um movimento no qual, em conjunto, validamos os direitos de aprendizagem das nossas crianças, entendendo as especificidades da infância e a necessidade de planejar, de modo intencional, um percurso formativo implicado em experiências significativas, que alfabetizam para além do ler e escrever, por uma cultura escrita que narra sobre vidas com as diferentes linguagens.

Equipe técnica de Balneário Camboriú

A chegada na Rede

A apresentação de um novo programa de formação a uma Rede deve procurar responder a uma necessidade real – uma demanda de formação daquele território. Para tanto, é fundamental apoiar-se nos dados, de avaliações externas⁸, bem como nos dados levantados pelo próprio município, que justifiquem o investimento das equipes na nova formação. A

⁸ Avaliações nacionais de alfabetização, IDEB, distorção idade-série e dados relativos à vulnerabilidade social são algumas das informações que podem ajudar a compor o diagnóstico do território.

alfabetização inicial é um problema na Rede? Há mesmo uma tensão entre EI e EF? A formação continuada ocorre em cada escola? E ela dá conta de acompanhar as aprendizagens dos alunos? **Ela considera os estudantes que têm direito à Educação Especial de forma complementar ou suplementar à sua escolarização como modalidade transversal? Quais são os dados sobre alfabetização em relação a essa parcela do alunado?**

É preciso que, munida desses dados, a equipe de Secretaria de Educação responsável pela apresentação do programa conheça bem a proposta de formação, para que possa justificar a decisão pela adesão do município.

A primeira reunião de apresentação da proposta para a rede deverá ser voltada às equipes técnicas da Secretaria, envolvendo setores de Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em seguida, expande-se para os dirigentes das escolas. **É imprescindível, portanto, que a equipe técnica da Educação Especial esteja envolvida desde esse primeiro momento, para garantir o necessário diálogo, ampliando o potencial para organizar ações de trabalho colaborativo nas unidades escolares.**

Nesse momento, para além da apresentação da tecnologia como possibilidade de resposta às necessidades da Rede, é importante que se apresente a proposta de diagnóstico, para que as escolas da rede, possam se

dar conta de quais práticas de comunicação oral, leitura, escrita estão em uso para as crianças de 4, 5 e 6 anos⁹, **sempre lembrando que as formas de comunicação devem ser ampliadas a partir dos princípios do desenho universal para aprendizagem, considerando a acessibilidade em todas suas categorias como direito.**

O diagnóstico e sua posterior análise são um importante ponto de partida, primeiro, para a adesão mais consciente de cada escola e para o planejamento das ações formativas, pois ajudam a olhar para as reais necessidades. Vale dizer que, muitas vezes, a boa aplicação de um instrumento de diagnóstico pode funcionar como elemento formativo, uma vez que ele poderá disparar reflexões e observações sobre aquilo que está sendo feito e o que não tem sido realizado.

No caso das redes com maior número, tanto os diagnósticos externos, quanto os internos (como o instrumento proposto por essa tecnologia) podem ajudar a tomar decisões sobre quais são as escolas prioritárias, caso não se consiga atender toda a Rede em um primeiro momento.

Considerando, por exemplo, que a equidade é algo a ser almejado em uma rede municipal, vale elencar quais escolas possuem maior distorção idade-série, quais estão em regiões em que o IDH é mais baixo (regiões

⁹ Os instrumentos de diagnóstico das práticas e ambientes estão em anexo.

mais vulneráveis) ou cujos números de evasão escolar são mais altos. O diagnóstico proposto pelo programa também busca reconhecer o perfil das crianças e famílias atendidas em cada unidade. Neste caminho, vale perceber quais as características das crianças que enfrentam distorção idade-série e analisar, por exemplo, se esta situação é predominante entre os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento/transtorno do espectro autista ou altas habilidades/superdotação, público que tem direito à Educação Especial.

O compartilhamento dos dados e sua análise com as gestoras não deve funcionar como uma avaliação negativa ou crítica ao que está sendo realizado nas escolas ou às suas condições de funcionamento. Mas deverá servir a uma sensibilização e engajamento das equipes escolares, por meio do reconhecimento de necessidades prementes das unidades para que possam ser garantidos melhores resultados para as aprendizagens das crianças, **sem deixar ninguém para trás.**



Professoras aprendem e compartilham novas brincadeiras durante a formação na escola – Luiz Alves

Organização do município para as paradas pedagógicas

Antes dessa tecnologia educativa do Programa Melhoria da Educação, não havia a prática das paradas pedagógicas em nosso município. A organização da Rede não permitia estes momentos, devido à maneira como as horas-atividade das professoras são distribuídas na escola. Para a instauração do programa, tentamos uma parada após o expediente, o que não foi bem-sucedida devido à falta de interação e adesão das professoras, pelo fato de ser após a aula. As próximas paradas foram realizadas com a suspensão das aulas, permitindo que as crianças fossem dispensadas e a tarde fosse dedicada à formação. Para uma melhor organização do município, a equipe procura fazer a parada de todas as escolas no mesmo dia; o que vem ocorrendo com sucesso, na maioria das vezes. Somente quando necessário, uma escola realiza a formação em outro dia, conforme sua condição naquele momento.

Essa abordagem deu muito certo. E observamos grande envolvimento das professoras e maior interação a cada proposta apresentada. Como Secretaria, percebemos a importância de

promover esses momentos entre as professoras, pois eles proporcionam a oportunidade de repensar as práticas e trocar dicas valiosas sobre como desenvolver cada proposta, de acordo com o perfil da turma.

Uma questão levantada pelas coordenadoras como algo positivo foi o acompanhamento da equipe técnica nas formações. De fato, ao participar dos encontros, conseguimos perceber o perfil da equipe de professoras e, assim, contribuir com ideias, falas e questionamentos, oferecendo apoio para a equipe gestora. Outra questão notada por nós, da equipe técnica pedagógica, é que, ao acompanhar as pautas, podemos observar como está o trabalho de nossas docentes e como podemos contribuir para que possam avançar positivamente. E quais ações podem ser realizadas.

Equipe técnica de Luiz Alves

Implementação do programa

1ª etapa: apresentação da proposta



Apresentação da proposta pela gestora e equipe técnica dirigente para as equipes técnicas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, que terão o papel de formadoras das coordenadoras/diretoras.

2ª etapa: definição de perfil



Com as equipes acima, fazer uma definição de perfil prioritário para o grupo direto das escolas (a inclusão de escolas no programa dá-se por indicação do perfil de cada unidade e de suas dirigentes).



Critérios possíveis: escolas que tenham pré-escolas e primeiros anos em um mesmo prédio, as que tenham diretora e coordenadora pedagógica, as que estão com quadros de profissionais mais estáveis e as que conheceram a tecnologia e viram valor para sua equipe.

3ª etapa: adesão das escolas

Quando as escolas, capitaneadas por sua equipe dirigente, aderem a uma proposta porque perceberam que há uma real necessidade do tipo de formação oferecida, a chance de o programa frutificar e trazer benefícios para as crianças é muito grande. Por esse motivo, sugere-se que a tecnologia possa ser de livre escolha das escolas, seguindo o passo a passo:



apresentação mais detalhada da proposta para as escolas que aderirem ao programa;



planejamento do trabalho da equipe técnica, cronogramas, espaços para formação etc.

O compromisso com a aprendizagem de todas as crianças fez com que a Secretaria de Educação de Camboriú pensasse na ampliação da formação para todas as escolas da rede pública. Isso resultou em uma intensa e profícua rede de colaboração entre as unidades diretas e indiretas.

Caminhos compartilhados – a jornada colaborativa das equipes focais/integradas e técnicas da SME

“Foram encontros maravilhosos
De muito aprendizado.
De tarjetas, das rimas dos nomes
Até os diferentes sobrenomes.
De repente, entramos no mundo da Literatura, que amor.
Um mundo maravilhoso!
Um mundo encantador!
Mas quem diria que com as brincadeiras cantadas
Tornaríamos leitor.
O Melhoria da Educação
Foi muito enriquecedor
Avisa Lá que chegamos ao final dos três anos com muito esplendor!”

Supervisora Silvana Benvenuti Coppi – EBM Artur Sichmann

No início do percurso formativo da tecnologia, em 2022, após os encontros presenciais, elaboramos, em conjunto – equipe técnica

e as equipes gestoras, o momento formativo para o desenvolvimento das pautas na unidade de ensino. As técnicas da Secretaria apoiaram as supervisoras, participando dos encontros com elas para que se sentissem seguras. Em 2023, a equipe técnica decidiu ampliar o programa para mais seis unidades de ensino (que denominamos unidades integradas). As unidades focais participavam das formações presenciais e, na semana seguinte, desenvolvíamos a pauta com as integradas.

No decorrer de 2023, as equipes gestoras de cada unidade foram constituindo-se formadoras e criando autonomia, realizando os encontros formativos nas unidades sozinhas. Ao longo do percurso, a equipe da Secretaria realizava as visitas técnicas, a fim de acompanhar as práticas nas unidades, por meio das trilhas de monitoramento. Dessas visitas, surgiu a organização de momentos de trocas entre as professoras das unidades focais e também as equipes das unidades integradas – organizado para revisitar as pautas já desenvolvidas, o que gerou, no final de cada ano, material para o seminário de boas práticas, de modo que todas as unidades foram representadas

nesse evento.

Em 2024, as relações entre equipes gestoras e técnicas da Secretaria vêm firmando-se numa cultura colaborativa. Os momentos formativos para as unidades integradas são organizados e desenvolvidos em parceria com supervisoras das unidades focais e equipe técnicas SME. Fizemos um cronograma de formação e, a cada pauta, duas unidades (supervisoras) nos apoiam no desenvolvimento do encontro.

O ato de promover a troca de conhecimento incentiva a busca contínua por aprendizagem, funcionando como um estímulo à busca de novas informações e, assim, potencializando nossa prática pedagógica. Quando nos juntamos a outras pessoas que estão passando pelos mesmos desafios que nós, fica mais fácil compartilhar ideias, sanar dúvidas e aumentar a motivação para aperfeiçoar nossa prática pedagógica.

Para a Supervisora Daiana Baltazar – CEM Tânia Regina Garcia, ao realizar “trocas de saberes” nas e entre unidades de ensino, podemos descobrir novas abordagens e tecnologias, impulsionando e melhorando a qualidade. Ao compartilhar experiências,

identificamos desafios comuns, pensando em projetos para beneficiar os estudantes.

Em seu depoimento, a supervisora Silvana Benvenutti Coppi – EBM Artur Sichmann, relata que teve a oportunidade de participar da formação da TE, como unidade focal. E, por intermédio de ação proposta, ampliar as formações às outras unidades (inclusão das seis unidades integradas), podendo mediar o processo formativo e compartilhar suas experiências com os demais colegas da Rede de Ensino, uma vez que estamos ampliando as práticas de leitura e escrita e contribuindo de forma consistente com o processo de aprendizagem e na ressignificação da prática pedagógica.

Equipe técnica de Balneário Camboriú



Encontro de formação sobre sondagem: O que as crianças sabem sobre a escrita? – Camboriú

4ª etapa: desenvolvimento do trabalho

- Discussão do instrumento de diagnóstico geral ou específico/sondagem.
- Aplicação e análise de resultados
- Partilha de resultados com as professoras das escolas participantes, via coordenadoras pedagógicas/diretoras do grupo
- Encontros de formação com grupos de coordenadoras/diretoras para o desenvolvimento dos módulos

O mapeamento dos saberes dos estudantes, por meio da sondagem de escrita, foi um instrumento bastante utilizado no processo da formação.

Sondagem como instrumento de acompanhamento das aprendizagens das crianças

A sondagem de escrita foi uma ação pedagógica instituída pela Rede

Municipal de Ensino, a partir do percurso formativo da Tecnologia Educacional – Experiências Formativas em Cultura Escrita com crianças de 4 a 6 anos.

Instituímos no calendário escolar, com o intuito de mapear os saberes construídos pelas crianças/estudantes, e a análise dos resultados permite à professora tomar decisões ajustadas para o avanço de todos. E, com isso, planeja-se a prática docente para intervir de forma mais apropriada nas diversas situações didáticas, garantindo um acompanhamento progressivo de cada criança, respeitando o seu tempo de aprendizagem. Em nossa Rede, o(a) supervisor(a) acompanha a realização da sondagem, junto com a professora, com o objetivo de criar um ambiente de confiança para a criança, auxiliar na identificação dos problemas enfrentados por elas e pensar junto com ele(a) em possíveis soluções. Os níveis de escrita foram abordados em formação na busca de estratégias eficazes para qualificar o processo de ensino e de aprendizagem.

Compreendemos que as crianças, mesmo que não saibam escrever convencionalmente, precisam ser convidadas a fazer registros escritos, para colocar no papel suas hipóteses acerca de como funciona o sistema de escrita. Ao fazerem isso, podemos ajudá-las a

avançar no processo de apropriação da escrita. Também proporcionamos a elas colocarem-se no lugar de escritora, podendo escrever e pensar sobre como se escreve. Emília Ferreiro afirma que a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. Nesse processo, a criança passa por níveis, por aproximações sucessivas, até se apropriar do sistema de escrita.

Equipe técnica de Camboriú

“Como supervisoras, nossa ação é crucial para assessorar as professoras no acompanhamento das aprendizagens. Devemos fornecer suporte contínuo, orientando na identificação das especificidades das crianças e propondo intervenções pedagógicas adequadas. Nosso papel envolve, também, a facilitação de diálogos entre as docentes, promovendo a troca de experiências e a reflexão sobre as práticas pedagógicas, garantindo que todas as crianças recebam o apoio necessário para seu desenvolvimento acadêmico.”

Supervisora Ivoli Berkenbrock Duarte – CEM Abelardo Torquato

A importância das situações de escrita pela criança, mesmo quando ainda não escreve convencionalmente – Camboriú



5ª etapa: fechamento do módulo



Seminário de trocas de experiências e tematização de práticas exitosas.

Esse é um momento formativo muito importante de socialização das práticas bem-sucedidas.

Sessões simultâneas de leituras – Tema apresentado no seminário de boas práticas em 2023

No Programa Melhoria da Educação – TEEFCE, em nosso município, desenvolvemos as Rodas simultâneas de leitura ou sessões simultâneas de leitura. A proposta, por constituir-se em uma importante prática de leitura, foi encaminhada, pelas coordenadoras educacionais da Secretaria de Educação, para o Conselho Municipal de Educação, a fim de que possa ser desenvolvida em todas as unidades da rede, constituindo-se como prática institucionalizada. No início do ano letivo de 2024, a Coordenadora Educacional da Secretaria de Educação apresentou as Sessões Simultâneas de Leituras para as gestoras escolares e professoras que atendem as turmas do Pré II e III, durante um encontro formativo. A coordenadora educacional, juntamente com a Equipe do CEI Professor Décio José Custódio, realizou a prática, que está calcada na premissa da escolha de leitura pelos leitores, por meio da resenha de livros. As formadoras selecionaram, previamente, alguns títulos e os apresentaram, escrevendo uma breve resenha para cada um, expondo o texto em cartazes. A partir da leitura das resenhas, as professoras escolheram o livro e acompanharam a sua leitura feita por

uma das formadoras.

Em seguida, apresentamos o passo a passo das Sessões Simultâneas de Leituras, que têm o objetivo de possibilitar a escolha pelo leitor, a reflexão sobre os critérios de escolha e a troca entre os leitores, que acompanham diferentes leituras, estimulando a indicação literária entre eles. Além de todas essas aprendizagens, é sempre bom lembrar que a leitura transforma nossa forma de pensar e aumenta nosso conhecimento.

Equipe técnica de Penha



Professoras vivenciam as sessões simultâneas de leitura, antes de realizá-las com as crianças – Penha



Crianças escolhem qual livro querem acompanhar na sessão simultânea de leitura – Penha

Referências bibliográficas

TEEFCE

ABRUCIO, Fernando Luiz. Gestão escolar e qualidade da Educação: um estudo sobre dez escolas paulistas. In: *Estudos & Pesquisas Educacionais* – São Paulo: Fundação Victor Civita, 2010.

ANTUNES, Rosa. *Trabalho pedagógico com nomes próprios. PROFA – Coletânea de textos Módulo 2*. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profaf/col_2.pdf. Acesso em 24 out. 2024.

BAPTISTA, Monica et al. *A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade*. Brasília, DF: MEC, 2009, pp. 13- 25. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4034-crianca-seis-anos-opt&category_slug=marco-2010-pdf&Itemid=30192

BOJUNGA, L. *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga Editora, 2002.

BRESCIANE, A. L. Alfabetização e Educação Infantil: relações delicadas. *Revista Avisa Lá*, edição 17, janeiro de 2004. Disponível em: <https://avisala.org.br/index.php/conteudo-por-edicoes/revista-avisala-17/alfabetizacao-e-educacao-infantil-relacoes-delicadas/>

BUARQUE, Chico. *Música: Gente tem sobrenome*. CD Canção dos Direitos da criança. Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/chico-buarque/288466/>

CAMPOS, Maria Malta *et al.* A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 1, pp. 15-33, jan./abr. 2011b.

CARVALHO, S.; KLISYS, A.; AUGUSTO, S. (org.) *Bem-vindo, Mundo!:* criança, cultura e formação de educadores. São Paulo: Peirópolis, 2006.

CORTEZ, C.; TONELLO, D. Escrita do nome próprio: um passaporte para o mundo alfabético. *Revista Avisa Lá*, edição 7, julho de 2001. Disponível em: <https://avisala.org.br/index.php/assunto/tempo-didatico/escrita-do-nome-proprio-um-passaporte-para-o-mundo-alfabetico/>

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.

_____, Emilia. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Fox, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Ed. Brinquebook, 1995.

GOULART. Cecília Maria Aldigueri. Oralidade, escrita e letramento. In: *Boletim Letramento e leitura da literatura*. Maio de 2003. TV Escola, Salto para o Futuro. Brasília: 2003. pp.11-16, Disponível em http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf. Acesso em: 20/04/2025.

GRUNFELD, Diana. La intervención docente en el trabajo con el nombre propio. *Lectura y Vida*, Buenos Aires, v.25, n.1 e 2, pp. 34-44/48-60, 2004.

GRUNFELD, D. Entrevista disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=M-Mg4xkG-0k>

GUIMARÃES, Cristina. Finalmentes: “J do João”. *Revista Avisa Lá*, n. 71, agosto 2017.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LIBERALI, F. C. O desenvolvimento reflexivo do professor. *Revista The Specialist*, v. 17, n. 1 (1996). Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/esp/issue/view/656>.

MARQUES, Francisco (Chico dos Bonecos). Contadores de histórias aventura partilhada. In: *A palavra reinventada: seus usos na educação*. TV Escola, Salto para o Futuro. Boletim 18, setembro de 2005, pp.18-24. Disponível em:

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/215731Apalavra.pdf>.

MELO NETO. J. C. *Morte e Vida Severina*. São Paulo: Alfaguara, 2007.

MUSEU DA PESSOA. *A história do meu nome*, de Juliana Melo. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/a-historia-do-meu-nome-/>. Acesso em: 20/04/2025.

ROJO, Roxane. *Concepções não-valorizadas da escrita: a escrita como “um outro modo de falar.”* Eixo 7. Interdisciplina eduad037 – linguagem e educação módulo 3 – práticas de leitura, escrita e oralidade no ambiente doméstico. leitura complementar 1, Rojo, 2006. Disponível no ambiente do curso.

SCARPA, Regina Lúcia Poppa. *O conhecimento de pré-escolares sobre a escrita: impactos de propostas didáticas diferentes em regiões vulneráveis*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, 2014.

SOARES, José Francisco. "O efeito da escola no desempenho cognitivo dos seus alunos". In: SOUSA, Alberto Mello (org.). *Dimensões da Avaliação Educacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SOARES, José Francisco. *Qualidade da educação: monitoramento de escolas*. Mimeo. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo, FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (orgs.). *Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?* Marília. Oficina Universitária. São Paulo: Editora Unesp, 2014. pp. 27-38. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao_ebook.pdf

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEIXEIRA, C. G. *Impacto da leitura feita pelo adulto para o desenvolvimento da criança na primeira infância* [livro eletrônico]/[coordenação Clarissa Gondim Teixeira]. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2017. 400 Kb; PDF

TONELLO, Denise Milan. Linhas e entrelinhas de uma história – Como trabalhar reescrita com crianças de 6 anos. *Revista Avisa Lá*, n. 10, abril de 2002. Disponível em <http://avisala.org.br/index.php/assunto/tempo-didatico/linhas-e-entrelinhas-de-uma-historia-como-trabalhar-reescrita-com-criancas-de-6-anos/>

WEISZ, T. Aprendizagem do sistema de escrita: questões teóricas e didáticas. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (orgs.). *Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?* Marília. Oficina Universitária. São Paulo: Editora Unesp, 2014, pp. 159-168. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao_ebook.pdf.

Materiais do MEC

Brinquedos e brincadeiras em creches:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192

Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>

Diretrizes em ação, qualidade no dia a dia da Educação Infantil:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32941-educ-infantil-diretrizes-em-acao-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192

“Educação da infância e “ofício de criança”. In: Educação Infantil em Jornada Integral:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32831-seb-educacao-infantil-em-jornada-de-tempo-integral-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192

Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11284-revistadeeducacaoinfantil-2012&category_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192

Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>

e

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-ciencias-humanas>

Anexos

Vídeos da TE: Experiências Formativas em Cultura Escrita com crianças de 4 a 6 anos



Módulo: Identidades e nomes próprios

Videodica – Listas de nomes e tarjetas:

<https://vimeo.com/434393194/94cf50cc4b>

Vídeo 1 – As histórias dos nomes próprios:

<https://vimeo.com/434394702/0af62e2676>

Vídeo 2 – Nome próprio todo dia:

<https://vimeo.com/434396553/f4b908af5f>

Vídeo 3 – Roda de leitura dos nomes:

<https://vimeo.com/434390584/6a4c5ceff3>

Vídeo 4 – As letras dos nomes e os nomes das salas:

<https://vimeo.com/434389268/e59af4b4a8>

Vídeo 5 – A escrita dos nomes:

<https://vimeo.com/434391949/21294a9039>



Módulo: Apropriações Literárias

Videodica – 10 dicas de organização do canto de leitura:

<https://vimeo.com/443730774/f6cb72bdd2>

Vídeo 1 – A leitura pela professora:

<https://vimeo.com/443717413/dfd5c8c8a1>

Vídeo 2 – O mar de histórias para ler em casa:

<https://vimeo.com/443725723/e2460161d6>

Vídeo 3 – A roda de conversa literária:

<https://vimeo.com/443720405/d791d3f557>

Vídeo 4 – A escolha das crianças:

<https://vimeo.com/443731835/d0b0b1b7f3>

Vídeo 5 – Ler, escrever e brincar a partir dos livros:

<https://vimeo.com/443728136/6f611d64b9>



Módulo: Brincar, Ler e Escrever

Videodica – Organização do espaço:

<https://vimeo.com/435166106/c02b06463e>

Vídeo 1 – Brincar todo dia:

<https://vimeo.com/429713896/c7fba10166>

Vídeo 2 – Todo mundo sabe brincar:

<https://vimeo.com/435179044/379dc611ca>

Vídeo 3 – Brincar com textos:

<https://vimeo.com/435172423/058d5e84fe>

Vídeo 4 – Ler para brincar:

<https://vimeo.com/435174618/cd3713dfc9>

Vídeo 5 – Pesquisar para brincar:

<https://vimeo.com/435168494/8a695c908e>

Vídeo 6 – Escrever para brincar:

<https://vimeo.com/435176838/e6fe4f269d>

Vídeos da série: “Conversas com quem faz”



Introdução

Edi Fonseca – Coordenadora de projetos do Instituto Avisa Lá – Graduação em Pedagogia (USP), com habilitação em Educação para Pessoas com Deficiência Visual, pós-graduada pela A Casa Tombada e Facon, no curso sobre a Arte de Contar Histórias.

<https://youtu.be/uh9jFls1KSE?si=0EDaxMLNDHpV7thC>



Inclusão na escola

Carla Mauch – Coordenadora da Mais Diferenças – Pedagoga, com formação em Educação Especial – Especialização em Deficiência Intelectual, com Pós-graduação em Tecnologia Assistiva e Mestrado em Psicologia da Educação.

Vídeo 1 – O que é educação antirracista?

<https://youtu.be/uJrllUJ3ihg>

Vídeo 2 – Como acontecem a leitura e a acessibilidade na escola?

<https://youtu.be/6RzuyzU5qBo>

Vídeo 3 – Como acontece o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na prática cotidiana?

<https://youtu.be/2iQ0jLJBr-M>



Literatura antirracista

Clélia Rosa – Pedagoga especialista em Educação Antirracista – Graduação em Pedagogia e Mestrado em Educação (Unicamp).

Vídeo 1 – Literatura antirracista na escola – que compromisso é esse?

<https://youtu.be/XHekSY4o2XQ>

Vídeo 2 – Cuidados na seleção do acervo para uma Educação Antirracista

<https://youtu.be/AwWw-e1esNg>

Vídeo 3 – Literatura antirracista para muito além do dia 20 de novembro

<https://youtu.be/sFWNoxRI2BE>



O brincar na Educação Infantil e +

Silvana Augusto – Formadora especialista em Ed. Infantil – Graduação em Filosofia (USP), Mestrado em Teorias do Ensino, Didática e Formação de Professores, pela Faculdade de Educação (USP) e Doutorado em Linguagem e Educação, pela Faculdade de Educação (USP).

Vídeo 1 – Brincadeiras tradicionais, jogos de regras e jogo simbólico
<https://youtu.be/vniu6FpGUPY>

Vídeo 2 – A continuidade do que é proposto na EI para os anos iniciais do EF
https://youtu.be/ou_AOGbnlg0

Vídeo 3 – O conceito de ludicidade
<https://youtu.be/N-fcv3rQ3Qw>



Diversidade nas leituras: Contos tradicionais

Ana Carolina Carvalho – Formadora do Instituto Avisa Lá – Graduação em Psicologia pela USP e Mestrado em Educação (Unicamp), com pesquisa sobre a formação de leitores em salas de leitura nas escolas municipais de São Paulo.

Vídeo 1 – A importância dos contos de fadas e dos contos tradicionais
<https://youtu.be/9x-AeNnIK1c>

Vídeo 2 – A ampliação do repertório de contos
<https://youtu.be/Oz1vsS5Tj4g>

Vídeo 3 – Quais versões escolher e como ler os contos para as crianças?

<https://youtu.be/62RXwSTCORE>



Diversidade nas leituras: Poesia

Leo Cunha – Escritor, tradutor e jornalista – Graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda (PUC – MG), Mestrado em Ciência da Informação (UFMG) e Doutorado em Artes, pela Escola de Belas Artes (UFMG).

Vídeo 1 – O que é poesia? A poesia e a brincadeira com a linguagem

https://youtu.be/Y_l4DJkVWHs

Vídeo 2 – A Poesia sempre rima? Poesia é diferente de poema?

<https://youtu.be/FR8aMkVa89w>

Vídeo 3 – Como se lê poesia?

<https://youtu.be/u6lnGpTtE4U>



Práticas nos cantos de leitura

Erica de Faria – Formadora do Instituto Avisa Lá – Graduação em Pedagogia (Unianchieta), especialista em Psicopedagogia pela mesma instituição e em Construtivismo e Educação, pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), na Argentina. Mestre pela Faculdade de Educação (USP).

Vídeo 1 – A importância da escolha pela criança

<https://youtu.be/ePH8x2yG-hU>

Vídeo 2 – Qual o papel da professora no momento que as crianças estão no canto de leitura?

<https://youtu.be/z8aGGhien14>

Vídeo 3 – Dicas literárias. O que fazer depois do empréstimo?

<https://youtu.be/L-cz0EmYcXg>

Vídeos da lives realizadas nos Seminários AlfaCoGEMFRI em 2022



Concepções e situações didáticas fundamentais na alfabetização

Cristiane Pelissari - Pedagoga e Mestre em Educação. Professora alfabetizadora por treze anos. Formadora de docentes e coordenadores pedagógicos de redes públicas de ensino e escolas privadas.

<https://youtu.be/hpQ78a34Ycl>



O direito das crianças à cultura escrita desde a Educação Infantil

Silvana Augusto – Graduação em Filosofia (USP), Mestrado em Teorias do Ensino, Didática e Formação de Professores, pela Faculdade de Educação (USP) e Doutorado em Linguagem e Educação, pela Faculdade de Educação (USP).

<https://youtu.be/a20xXeB9qZA>



Alfabetização psicogenética construtivista e a questão da consciência fonológica

Giovana Zen – Formação em Pedagogia e Psicopedagogia, com Mestrado em Educação (UNEB), Doutorado em Educação (UFBA) e Pós-Doutorado em Alfabetização (CINVESTAV - México), sob orientação da Professora Emília Ferreiro

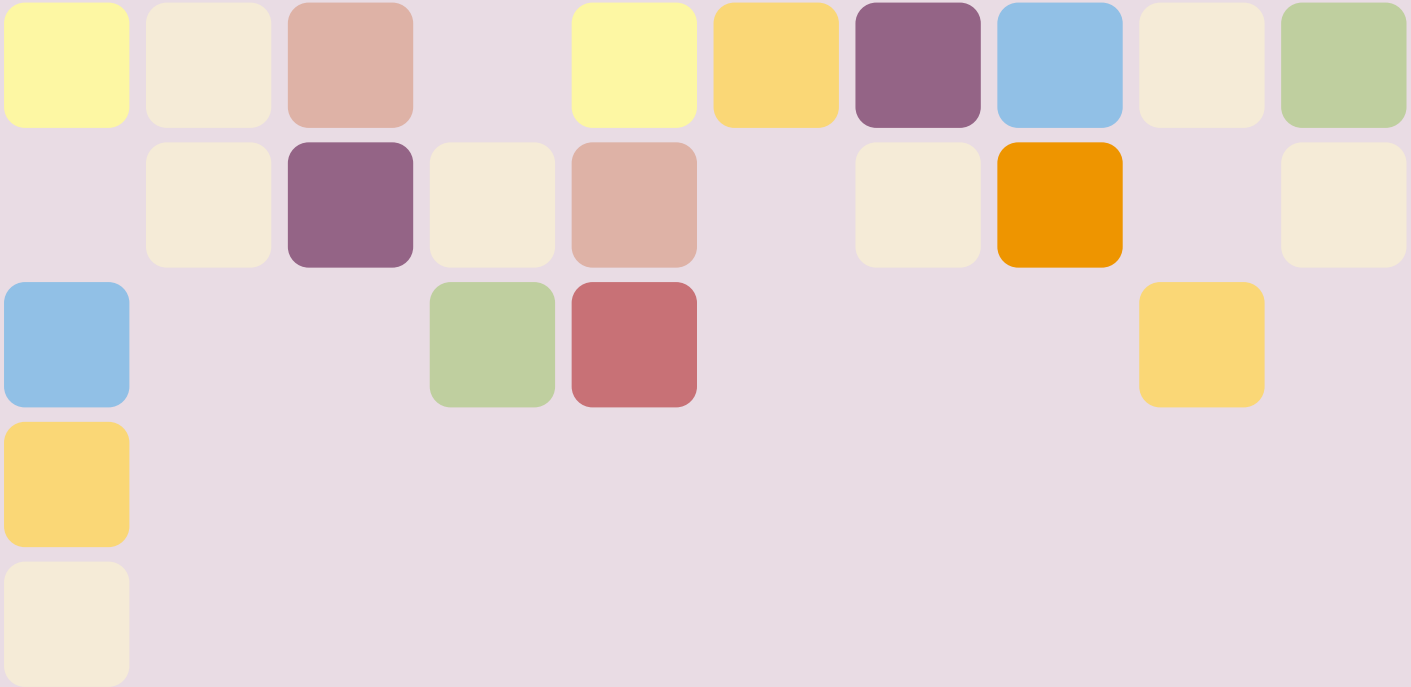
<https://youtu.be/zlm3GDKS7Pw>



Desenho universal para a aprendizagem: construindo possibilidades de uma educação para todas as crianças

Luiz Henrique de Paula Conceição – Graduação em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia (USP) e Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia (USP).

<https://www.youtube.com/watch?v=tLkvTiskDa4>



Escola

